

**FAAT FACULDADES
CURSO DE PEDAGOGIA**

FERNANDA ROCHA GOMES

**A PEDAGOGIA DE SCHOENSTATT COMO
FUNDAMENTO PARA A EDUCAÇÃO DE
PERSONALIDADES NA PERSPECTIVA DE JOSÉ
KENTENICH**

Atibaia, SP

2017

FAAT FACULDADES
CURSO DE PEDAGOGIA

FERNANDA ROCHA GOMES - 4014053

A PEDAGOGIA DE SCHOENSTATT COMO
FUNDAMENTO PARA A EDUCAÇÃO DE
PERSONALIDADES NA PERSPECTIVA DE JOSÉ
KENTENICH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Pedagogia da FAAT - Faculdades, sob orientação da Prof^a. Ms Cleidil do Carmo Gazaffi Araujo Peixoto.

Atibaia, SP

2017

DEDICATÓRIA

Ao meu grande Pai e Fundador, Padre José Kentenich, por quem tenho grande amor e gratidão por ter se deixado conduzir e educar pela Mãe Três Vezes Admirável, no caminho da verdadeira liberdade, tornando-se um grande profeta de nosso tempo.

Também a minha comunidade, Instituto Secular das Irmãs de Maria de Schoenstatt, que sempre me encorajou a levar a mensagem de nosso Pai e profeta ao mundo, sendo vivo reflexo de seu carisma.

AGRADECIMENTOS

Ao voltar-me para trás e perceber todo o caminho percorrido só posso manifestar minha gratidão! Primeiramente a Deus, por ter me concedido a vida e a capacidade para desenvolver os dons com que me presenteou. Também a minha querida Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, com quem selei minha Aliança de Amor e aprendi a arte da autoeducação. Ao Padre José Kentenich, por ter chamado Schoenstatt à vida e ter enriquecido a minha vida e de tantos outros com sua paternidade espiritual. Aos meus pais, que me educaram na fé e sempre foram meus companheiros, investindo sempre em minha educação. Especialmente agradeço a comunidade das Irmãs de Maria de Schoenstatt, à qual pertenço, por todo o apoio e disponibilidade em auxiliar-me no decorrer desses anos de estudos. Eterna gratidão também por minha orientadora Prof^a. Ms Cleidil do Carmo Gazaffi Araujo Peixoto, com quem pude experimentar a condução de Deus e aprender muito durante esse tempo, sempre abrindo caminhos para que eu pudesse realizar esse trabalho na Instituição.

“Só me torno autônomo agindo por própria iniciativa. Por isso a autoeducação, a perseverança em nossos propósitos e atitudes mesmo que ao nosso redor outros façam o contrário.”

José Kentenich, 1948.

RESUMO

Quando se trata da arte de ensinar, nunca se diz tudo, nunca se termina, nunca basta, pois a sociedade é formada por pessoas e pessoas mudam. Pessoas são diferentes, possuem culturas e modos de ver a vida totalmente diferentes e, por isso, é que sempre estamos mudando, adequando-nos, inteirando-nos das realidades que nos cercam para podermos dar respostas suficientes ao que a sociedade nos apresenta. José Kentenich, desde cedo, percebeu a discrepância no que diz respeito ao progresso exterior e maturidade interior e o desafio de lidar com ela. Assim nos mostra sua primeira e profunda palestra pedagógica aos alunos do internato, em 1912. Sua vida é prova que o sofrimento pode converter-se em vitória quando se sabe realmente aproveitar as situações da vida. Foi uma personalidade marcada por seu ser paternal, mesmo sem ter tido contato com a figura paterna. A realidade de uma educação marcadamente tradicional que não concebe o indivíduo como ser único e original, sem respeitar sua liberdade nem construir vínculos perduráveis e verdadeiros fez com que Kentenich, ao longo de sua vida, empenhasse todas as suas forças na formação de um novo homem em uma nova sociedade, a partir da prática do autoconhecimento. Não se pode educar alguém do dia para a noite, muito menos para usufruir com dignidade e liberdade de seus direitos de escolha. Nesse sentido, José Kentenich criou uma pedagogia baseada no respeito ao ser único e original. Partindo da dignidade de cada ser humano, desenvolve nele sua capacidade para decidir-se pelo amor, pelo bem, pela verdade e beleza e assumir o compromisso de fazer efetivo o decidido. A essa pedagogia chama-se Cinco Estrelas Conductoras: Pedagogia da Confiança, Pedagogia dos Vínculos, Pedagogia da Liberdade, Pedagogia do Ideal e Pedagogia da Aliança. Sua pedagogia estende-se por muitos países também em escolas e creches. Um exemplo no Brasil é o Instituto Mãe de Deus, localizado em Londrina, desde 1936, onde as Irmãs de Maria de Schoenstatt atuam. O objetivo desse estudo é mostrar que, mesmo em meio a uma sociedade cada vez mais individualista, mecanicista e formalista, é possível educar personalidades sólidas e firmes que agem por liberdade interna sem deixar-se persuadir pelas ideologias atuais. Neste contexto, a pedagogia de Schoenstatt converte-se em um movimento de educação e de educadores que busca desenvolver integralmente os educandos em cidadãos livres e autônomos, com capacidades para atuar na sociedade de um modo solidário, responsável e livre, mas, sobretudo, com amor.

Palavras-chave: Liberdade. Educação. José Kentenich. Schoenstatt. Pedagogia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. UMA PERSONALIDADE AUTÊNTICA	10
2. LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA SITUAÇÃO EDUCACIONAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX	17
3. UMA PEDAGOGIA INOVADORA	21
3.1 Prática da Liberdade pelo autoconhecimento	24
4. PEDAGOGIA DAS CINCO ESTRELAS CONDUTORAS	26
4.1 Pedagogia do Ideal	29
4.2 Pedagogia das Vinculações	30
4.2.1 Vinculação a pessoas	31
4.2.2 Vinculação a lugares	32
4.2.3 Vinculação a ideias	32
4.3 Pedagogia da Aliança	33
4.4 Pedagogia da Confiança	33
4.5 Pedagogia do Movimento	34
5. APLICAÇÃO EM ESCOLAS. É POSSÍVEL?	36
5.1 Aplicação da Pedagogia das Cinco Estrelas Condutoras no Colégio Mãe de Deus	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXOS	46

INTRODUÇÃO

A Pedagogia de Schoenstatt, como fundamento para a educação de personalidades, na perspectiva de José Kentenich, pode ser entendida como um meio de resgatar aquilo que há de mais bonito no homem: a sua personalidade. Este tema evidencia a particularidade de cada ser humano, sua individualidade e identidade que devem ser respeitadas, enobrecidas e amadas.

Educar pessoas que não sabem o que é ser crítico é fácil, pois é só colocarmos todos dentro da mesma fôrma que teremos milhares de indivíduos robotizados que obedecem a todos os comandos vindos de cima, que acham certo seguir as tendências do momento só para não ficar à margem da sociedade, que asseguram que o certo é o que todo mundo faz.

Muitas pessoas com o passar dos anos já devem ter feito a pergunta: Somos livres? Assim que se tenta responder essa pergunta, percebe-se o quanto ela é pertinente. Para isso, o primeiro passo é esclarecer o significado de liberdade – um conceito excessivamente profundo.

Um dos significados de Liberdade segundo o dicionário Michaelis é: *Independência, autonomia*. Contudo, esquecendo esse significado, já temos dentro de nós como que intuitivo de que liberdade é a autonomia da vontade, o poder de escolher o próprio destino, ou decidir por ele. A questão é: Como praticar a liberdade em uma sociedade que impõe padrões e quem não os segue é excluído? Como praticar a liberdade em uma sociedade regida pela massificação e ausência de vínculos verdadeiros? A resposta mais palpável é começar pela educação, que forme personalidades livres, motivadas pelo amor, que não se deixem guiar pela massa, mas que possam decidir por si mesmas e ser capazes de praticar o que decidiram.

Referente a isso, José Kentenich afirma: “Se o conhecimento não se transformar em amor, se o amor não se transformar em vida, permaneceremos eternamente caricaturas.” (KENTENICH, 1966, cit. por SCHLICKMANN, 2008, p. 209).

O objetivo desse estudo é mostrar que mesmo em meio a uma sociedade cada vez mais individualista, mecanicista e formalista é possível educar personalidades sólidas e firmes que agem por liberdade interna sem deixar-se persuadir pelas ideologias atuais. “Schoenstatt não possui uma pedagogia, ela é uma pedagogia”, assim afirma Kentenich, fundador da Obra Internacional de Schoenstatt.

O avanço da modernidade fez com que as pessoas se tornassem cada vez mais escravas de objetos impostos pela sociedade, o que fez com que estas modificassem seus conceitos de liberdade, de escolha e de criticidade.

Teme a liberdade, mesmo que fale dela. Seu gosto agora é o das fórmulas gerais, das prescrições, que ele segue como se fossem opções suas. É um conduzido. Não se conduz a si mesmo. Perde a direção do amor. Prejudica seu poder criador. É objeto e não sujeito. E para superar a massificação há de fazer, mais uma vez, uma reflexão. E dessa vez, sobre sua própria condição de “massificado”. (FREIRE, 1967, p. 62)

As mídias influenciam de maneira significativa na liberdade de escolha das pessoas desde crianças. Segundo pesquisas realizadas pelo IBOPE, no ano de 2004, as crianças passam em média 3,5 horas diárias em frente da TV, ou seja, é ela que muitas vezes diz à criança o que ela quer, do que ela precisa, como ela deve ser e se comportar etc. Tudo isso para ser “aceita” em uma sociedade que dita as regras para que se viva uma eterna massificação, cultivando o individualismo e a ausência de amor.

“Se a grandeza de um homem consistisse em impor cegamente a sua vontade, então o elefante seria maior que todos os homens. A grandeza do ser humano reside na sua capacidade de dominar o poder dos seus instintos”.¹

Não vamos descartar as tecnologias, devemos usufruir delas para o nosso benefício. Não podemos nos deixar dominar por elas. Nessa visão, José Kentenich afirma “Ou avançamos ou retrocedemos... Avancemos então na conquista do nosso mundo interior”.

Não se pode educar alguém do dia para a noite, muito menos para usufruir com dignidade e liberdade de seus direitos de escolha. Nesse sentido, José Kentenich criou uma pedagogia baseada no respeito ao ser único e original. Partindo da dignidade de cada ser humano, desenvolve nele sua capacidade para decidir-se pelo amor, pelo bem, pela verdade e beleza e assumir o compromisso de fazer efetivo o decidido. A essa pedagogia chama-se Cinco Estrelas Condutoras: Pedagogia da Confiança, Pedagogia dos Vínculos, Pedagogia da Liberdade, Pedagogia do Ideal e Pedagogia da Aliança.

No primeiro capítulo, há uma síntese da vida de José Kentenich, sua infância e juventude. Marcada por muito sofrimento e dificuldades, mas também por muitas conquistas, pois soube aproveitar cada pedra em seu caminho para dar continuidade a ele. Sempre se destacou como uma personalidade firme e autêntica, conquistando aos

¹ J. Kentenich, cit. por Schlickmann, Os Anos Ocultos: Padre José Kentenich: Infância e Juventude (1885-1910), 2008, p. 209

poucos sua liberdade interior pela prática do autoconhecimento.

No segundo capítulo é feito um levantamento da situação educacional da época em que Kentenich iniciou sua atuação como Diretor Espiritual dos jovens seminaristas. Para muitos, pode ser caracterizado como um momento difícil e pesaroso, porém Kentenich viu, nessa época, o meio para difundir os mais profundos anseios de sua alma e combater aquilo que experimentara tão duramente no início de sua vida.

O terceiro capítulo apresenta o método inovador de Kentenich que, para a realidade da época, não era muito bem visto. Ele, melhor do que ninguém conhecia a alma juvenil e sabia o que se passava no mais íntimo dos meninos, por isso pôde ser um pai para eles, e para tantas pessoas. Via na prática da auto educação um meio eficaz para crescer na conquista da liberdade interior.

O quarto capítulo apresenta uma síntese da pedagogia kentenichiana, com enfoque nas cinco estrelas condutoras que norteiam todo o trabalho pedagógico schoenstattiano: Pedagogia da Aliança, Pedagogia das Vinculações, Pedagogia da Confiança, Pedagogia do Movimento e Pedagogia do Ideal.

O quinto e último capítulo relata um pouco da história do Colégio Mãe de Deus, fundado pelo Instituto Secular das Irmãs de Maria de Schoenstatt, em 1936, na cidade de Londrina – PR. E como é aplicada a Pedagogia das Cinco Estrelas Condutoras até os dias atuais.

1. UMA PERSONALIDADE AUTÊNTICA

Para compreender este trabalho é preciso conhecer quem foi José Kentenich, o fundador da Pedagogia de Schoenstatt.

Josef Kentenich, como se escreve em alemão, nasceu em Gymnich, pequena aldeia a sudeste de Colônia, Alemanha aos 16 de novembro de 1885, às 7h da manhã. Cresceu ali com sua prima Henriqueta, na casa dos avós, sob os cuidados de sua mãe, Catarina Kentenich, esta trabalhava como auxiliar nos serviços domésticos, na fazenda Heuser, Oberbohlheim. Nessa fazenda, conheceu Matias José Koep, de Eggersheim, que ali trabalhava como capataz, e que manifestou por ela um interesse particular.

Com o nascimento de José Kentenich, ele tornou-se o conteúdo e o sentido de toda a sua vida.

Durante os primeiros anos de vida do filho, Catarina não tinha um emprego fixo para não ficar muito tempo fora de casa. Trabalhou durante muitos anos como cozinheira em casa de famílias nobres, marcando positivamente seu comportamento e trato com os outros.

Em 1891, com cinco anos e meio, José Kentenich começa a frequentar a escola. Após seis meses o diretor é demitido por envolvimento político, conforme Schlickmann (2008). Outros dois professores prestaram serviço militar. “Na época imperial, a formação militar prussiana dos professores parece constituir um pressuposto importante para um ensino disciplinado e consistente” (Schlickmann, 2008, p. 58). Era comum os professores serem chamados para semanas de exercícios militares e os alunos terem as aulas suspensas, em pleno período letivo. Reinava na educação da época uma grande dureza e severidade, práticas de castigo e punição que excediam ao considerado “normal” para a época. Muitos professores eram caracterizados por “falta de talento pedagógico” (Schlickmann, 2008, p. 59).

Desde criança José já demonstrava uma personalidade voltada à liberdade, ao amor, onde a violência não tem vez nem lugar, pois ela não é capaz de formar ninguém como pessoa íntegra e livre. Ele vivia diariamente uma atmosfera pesada na escola. Anos mais tarde, enquanto trabalhava no seminário de Vallendar, empenhou-se pela abolição dos castigos físicos e jamais, nem como professor, nem como Diretor Espiritual os praticou. Sempre teve receio das consequências, de

acordo com Schlickmann (2008, p. 60), singularmente, àqueles educadores que

“projetam a sua incapacidade na vara. (...) Se começo a castigar, é verdade que hoje talvez o faça com autodomínio, mas amanhã corro o perigo de me tornar um algoz; os nervos estão excitados, as crianças não reagem, qual será o efeito? As crianças apanham as varadas que eu mereço” (palavras do próprio J.K.).

Sua personalidade forte e vigorosa já se revela desde a mais tenra infância, ninguém era capaz de convencê-lo e chantageá-lo quando se decidia para alguma coisa, para ele a verdade sempre estava acima de tudo e nada podia fazê-lo pensar o contrário. Constam abaixo alguns relatos de sua prima, Henriqueta Esser, que conviveu durante muitos anos com José Kentenich, recolhidos por Schlickmann, presentes no livro “Os anos ocultos: Padre José Kentenich: Infância e Juventude (1885 -1910)”, de Dorothea M. Schlickmann, 2008:

Henriqueta conta que José caiu no poço do vizinho, enquanto brincavam de esconde-esconde. O avô acorreu e tirou rapidamente o menino da água. Devido à queda, ficou imóvel, com a boca paralisada. A religiosa, que veio socorrê-lo e sabia da aversão dele pela creche, disse-lhe: ‘Quando José ficar bom vai para a creche e vai ganhar um santinho’! Então ele voltou a si e disse bem pausadamente: ‘ Não vou para a creche e também não quero nenhum santinho’! Podia-se pedir e suplicar, ele colocava as mãos atrás das costas, se apumava e dizia: ‘Eu não vou à escola’! Então não havia nada a fazer.

“Sempre que podia, ele fazia logo os deveres da escola para ir brincar. Aos sábados não se detinha tanto com a limpeza da lousa². Fechava a mochila de couro preto o melhor que podia, olhava-me, como se desconfiasse de mim e corria para fora. Às vezes, depois de ele sair, eu tirava com cuidado novamente as coisas da mochila e lavava a moldura da lousa. Certa vez, tomei um grande susto quando me dei conta de que havia apagado os deveres dele. Sentei-me e desenhei novamente as letras. Na segunda-feira de manhã fui chamada à classe dos meninos. Não sabia o que estava acontecendo. Quando entrei na sala, ele estava de pé em seu lugar. O professor perguntou quem escrevera os trabalhos. Eu disse, chorando: ‘Fui eu que escrevi!’ Então José afirmou com determinação: ‘ Fui eu que os escrevi!’ Mais tarde, tudo se esclareceu. Quando ficaram a sós, José, bem sério, perguntou a mim: ‘Jettchen³, tu fizeste alguma coisa com a lousa?’”. Ela contou-lhe tudo e, já idosa, ainda sabia dizer onde se encontrava, que aventalzinho tinha e como chorara, apesar de ele não a ter censurado. Sublinhou que teve sempre bastante “respeito por ele”, embora fosse cinco anos mais velha.

“Num domingo, durante a primeira missa, eu tinha acendido o fogo. Ele desceu de pijama. Era sempre a mãe que o vestia. Queria pegar brasas e começou a mexer no fogão, mas eu não queria que ele fizesse isso. Dei-lhe umas palmadas nas costas que lhe doeram muito. Ele ameaçou contá-lo à mãe. Eu disse que não o fizesse, que eu lhe daria um santinho de presente. Assim fiz e tudo ficou em paz. Durante o café, de repente, ele começou a chorar e disse: ‘Eu vou buscar o teu santinho, eu vou dizer que me bateste’”. Não queria, de nenhum modo, ser subornado, nem mesmo com santinhos, de que gostava tanto.

² Nota da tradutora: antigamente, as crianças em vez de cadernos escolares, usavam lousas para fazer os deveres.

³ Dialeto da Renânia.

Em fins de dezembro de 1891, José viaja com a mãe para Estrasburgo, cidade onde mora seu tio que repentinamente perdera a esposa ficando sozinho com três filhos pequenos. Ali permaneceu nove meses e sua experiência nesta cidade ampliou-lhe notavelmente o horizonte. Diferente de Gymnich, Estrasburgo era uma cidade mais desenvolvida, com grande pluralidade cultural, muito trânsito e edifícios de quatro a cinco andares, “em pleno desenvolvimento cultural, econômico e social” (Schlickmann, 2008, p. 72). José passa a frequentar uma escola grande, onde, para a época, já possui indícios muito positivos de erradicação do analfabetismo e também já aspiravam a uma Reforma Pedagógica, “movimento de reforma dos métodos e conteúdos da educação do final do século XIX, início do século XX” (Schlickmann, 2008, p. 74).

Quando seu tio casa-se novamente, eles voltam para Gymnich, porém ali a situação é cada vez mais difícil: a avó já está avançada em idade e Catarina Kentenich precisa ajudar no sustento da casa. Henriqueta já terminou o fundamental e vai acompanhar Catarina para aprender serviços domésticos. Surge uma oportunidade de trabalhar como doméstica em uma casa de família recém formada que lhe tomará todo o tempo do dia, deixar a educação de José por conta da avó não é o mais apreciado pela mãe e a escola de Gymnich está com um ensino defasado⁴. Também não dispunha de dinheiro para colocar José em um internato. Padre Savels, amigo e confessor da mãe, sabe do desejo dele de se tornar sacerdote, e mantém contato com o Orfanato de Oberhausen que na Páscoa daquele ano abrirá uma escola com professores bem qualificados. A decisão resta agora a Catarina Kentenich, para ela é duro demais ter que se separar de seu único filho, tanto que demora um ano até tomar uma decisão: seguir o conselho de seu confessor.

Segundo Schlickmann (2008), José Kentenich comenta anos mais tarde em suas conferências sobre sua consciência ao participar do sofrimento de sua mãe, utiliza expressões como: “(a mãe) antes vivera, certamente, em condições relativamente favoráveis, mas que depois é repentinamente obrigada, pela necessidade, a mandar seu filho para o orfanato”. Esse acontecimento de sua infância torna-se uma profunda marca de sofrimento em sua vida, ele conscientiza-se da mudança que acarreta:

Precisa trocar a aldeia natal por uma grande cidade industrial desconhecida, e o

⁴ de 20 de abril até o outono de 1894 as aulas para os meninos foram totalmente suspensas. Cf. Schlickmann, Os Anos Ocultos: Padre José Kentenich: Infância e Juventude (1885 - 1910), 2008, p. 75

abrigo da família ampliada da aldeia por uma instituição de educação que lhe era totalmente estranha. Na sua vida dá-se uma tremenda mudança. Para realizar seu desejo de ser sacerdote, José tem que deixar tudo o que até agora amava e possuía. (Schlickmann, 2008, p. 77)

A situação dentro e fora do orfanato não era das melhores: a epidemia de varíola agravava-se cada vez mais, como também outras doenças, causadas pelo aumento exorbitante da população e pela miséria em que vivia a classe operária, que muitas vezes trabalhava em condições desumanas. No orfanato, a maioria das crianças que eram assistidas provinha desse meio. O número aumentava cada vez mais e a mentalidade da época defendia que essas crianças deviam ser tratadas com maior rigor.

A grande dificuldade econômica e o crescente aumento no número de crianças, segundo Schlickmann (2008, p. 82) “obrigavam a educar coletivamente à disciplina, sem levar muito em conta individualidades e necessidades pessoais”. Em todo o ambiente reinava uma ordem severa, mas bem cuidada.

Mesmo tendo uma profunda vinculação ao sobrenatural, Kentenich sofrera muito estando no orfanato:

O contraste entre a aldeia natal de Gymnich e a estranheza do novo ambiente era enorme. Na aldeia, a casa dos avós e a vida campestre haviam acostumado José a uma grande liberdade. Agora, o orfanato deu-lhe uma sensação de falta de espaço (...) Obviamente, num ambiente educacional direcionado exclusivamente à disciplina e ao treino, o educando que ama a liberdade parece “difícil de educar”, assim caracterizavam José. (Schlickmann, 2008, p. 96-97)

Um caminho que Kentenich encontrou para superar a falta de liberdade foi lançar-se com todo o ardor nos estudos. Possuía uma grande capacidade intelectual, seu diploma final é exemplar e diziam dele: “uma criança muito inteligente”.

Esta situação de educação desde cedo incomodou Kentenich, anos mais tarde relata:

“Desde a infância, sempre observei o que, afinal, a educação é, como a educação se apresenta e como geralmente (...) se educa. E disse comigo: tudo isto tem que ser diferente, tem que se fazer assim e assim. Tem que ser assim e assim”. Outra vez confessa: “Eu nunca aceitei o modo como fui educado e dizia comigo: não, assim não se deve educar”.

Aos onze anos revela a sua mãe seu grande desejo: quer tornar-se sacerdote! Diante do desejo do filho, a mãe conversa com seu confessor e este lhe indica uma jovem comunidade, uma Sociedade Missionária, os Palotinos. Os sacerdotes visitam

os orfanatos em busca de conquistar vocações para o serviço missionário em Camarões. Ali, o pequeno Kentenich pode desenvolver sua vocação. O internato localiza-se em Ehrenbreitstein, próximo a Coblença.

Em 23 de setembro de 1899, perto de completar catorze anos. José chega a Ehrenbreitstein, “cinco dias após a abertura oficial do ano escolar”⁵. O edifício não era muito grande, abrigava 60 alunos, mas favoreceu muito o crescimento de Kentenich:

Em comparação com o orfanato de Oberhausen, o seminário em Ehrenbreitstein representa, para José, um verdadeiro progresso na formação e no crescimento pessoal. O número de alunos é muito menor e mais fácil de controlar, os educadores podem interessar-se por cada aluno individualmente e o conteúdo das aulas favorece um nível cultural mais elevado. José encontra ali uma comunidade de jovens que aspiram a um objetivo igual ao seu. (Schlickmann, 2008, p. 103)

O ensino era rigoroso: um programa de nove anos escolares devia ser ministrado em seis anos. Constam aulas de: latim, alemão, aritmética, geografia, religião, ciências naturais, ginástica, canto, caligrafia, história, matemática, francês e escrita grega. As aulas eram ministradas “pelo reitor, três outros sacerdotes e um ou dois professores da cidade”. Devido às missões que realizavam em Camarões, cada vez mais era necessário o envio de mais sacerdotes, o que acarretava mudanças constantes de professores e até ausência dos mesmos. Contudo, o ensino era de qualidade, muitos alunos no futuro, estudaram em universidades públicas, as notas de Kentenich eram muito boas, o que mostra que o rigor do seminário não consistia para ele em dificuldade.

Os anos seguem e aproxima-se o momento em que Kentenich poderá ser aceito na Sociedade Missionária, isso significa ir para a África e ficar definitivamente distante de sua mãe e de tantos que ama. Em um poema que compôs, “O poder do amor” relata que não quer ofender a mãe, mas que prefere morrer a não seguir o caminho que sente ter sido chamado por Deus.

Entre os dezessete e dezoito anos enfrenta uma grande crise em seus sentimentos, tudo por que já passou vêm à tona e junto a isso o sentir-se incompreendido pelas pessoas ao seu redor. Nos poemas que compõe nessa época, ressalta a saudade do sobrenatural, de Deus, como refúgio para sua dor e angústia. Por vezes, experimentou a solidão, tanto espiritual como psíquica.

Alguns professores não o compreendiam, diziam que ele possuía um

⁵ Schlickmann, Os Anos Ocultos: Padre José Kentenich: Infância e Juventude (1885 - 1910), 2008, p. 102

comportamento por vezes vaidoso e orgulhoso:

Era esta a impressão que dava! Orgulhoso, arrogante, distante, nem sempre atraente para professores e colegas. Não conseguiam aproximar-se dele, tanto mais que a fama de aluno altamente dotado o deixava, já por si, um tanto isolado. J. Kentenich confessará, mais tarde, que a pronunciada tendência “à reserva e a se fechar em si mesmo” se acentuava cada vez mais. (Schlickmann, 2008, p. 140-141)

Em fins de setembro de 1904, é transferido para Limburgo onde iniciará o noviciado e, desde então, sua solidão e amargura torna-se mais profunda e densa, juntamente apresentam-se outros problemas externos e um período de uma tuberculose muito grave, o que ele, anos mais tarde menciona como “Lutas da juventude”.

Schlickmann (2008, p. 146) relata: “A educação do noviciado privilegiava a vigilância, a regulamentação e a correção. Na linha de formação religiosa tradicional, procurava-se favorecer a virtude da humildade por meio de penitências e humilhações”.

Frente a isso surgem muitas outras coisas, porém Kentenich quer tornar-se um sacerdote exemplar, anota tudo o que lhe é transmitido e zela pelo respeito aos seus superiores. Contudo, as dificuldades começam a aparecer: não encontrava no mestre de noviços alguém que o entendesse e compreendesse, o que lhe faz procurar apoio em outro superior, com licença do mestre.

O zelo pela autonomia e liberdade que Kentenich sempre prezou, começam a abalar-se frente ao formalismo de seu mestre de noviciado, não encontra nele alguém que o aconselhe e começa a procurar onde está a raiz do problema. Será impossível conciliar o seu modo de pensar com a educação tradicional que vivia em seu noviciado.

Cada vez mais se aprofunda em seus estudos, e participa de seminários e debates com uma clareza de pensamentos que deixa até mesmo os professores com certa dúvida sobre o que realmente sabem e acreditam. Possui um raciocínio brilhante, e muitas vezes, seu pensamento não vai de encontro ao dos professores. Chega a um ponto de querer defender com todas suas forças a verdade que relata em 1955: “Este fanatismo pela verdade transformou-se numa força impulsora que determinava diretamente todo o meu agir; devido ao anseio interior pela verdade, não raramente ultrapassava os limites do tato na forma de tratar os professores”. Essa atuação de Kentenich, futuramente, constituirá um fator importante na sua admissão perpétua

ao sacerdócio. Um de seus professores escreve em ata que “ele (Kentenich) está em um caminho perigoso”.

Achava que podia dominar a verdade, porém estava sendo “dominado” por ela. Também passou por uma crise de fé, uma crise existencial e não vê em ninguém alguém que possa auxiliar-lhe nesse penoso caminho.

Contudo, um acontecimento marca a sua vida e exige uma mudança. Em 1909, antes da admissão perpétua, é informado que não fora admitido. Pe. Kolb, membro do conselho geral conta:

“Eu, como Reitor, não tinha quaisquer reservas e também não as escutara de ninguém. No entanto, quando chegou a vez dele na reunião do Conselho Provincial, foram levantadas sérias reservas a seu respeito. E o resultado da votação foi de três votos contra e dois a favor. Estava decidida a não admissão à profissão perpétua e, com ela, a demissão. (...) No dia seguinte, mandei chamá-lo e perguntei: ‘Já soube o resultado da consulta?’ A resposta foi breve: ‘Sim!’ ‘O que pensa dele?’ ‘Condução de Deus!’ ‘O que pretende fazer agora?’ ‘Primeiro terminar meus estudos secundários.’ Via-o na minha frente, magro, pálido e doentio, mas apesar de tudo, um tanto seco. Vieram-me as lágrimas e disse-lhe que, por enquanto, não fizesse nada”

Kentenich assumiu uma total dependência de Deus em reconhecer a sua contingência humana. Amadureceu sua personalidade e alcançou plena serenidade e liberdade interior. Suas crises e o fato de não encontrar em ninguém respostas às suas perguntas fez com que ele reconhecesse em Deus seu único abrigo. Aprendeu a abandonar-se a vontade de Deus mesmo quando tudo parecia incompreensível.

Após quase um mês, Pe. Kolb convocou uma nova reunião com o conselho e o que normalmente era irrevogável ganhou uma exceção: ele conseguiu convencer um dos membros do conselho a rever seu ponto de vista sobre o jovem Kentenich e assim mudou seu voto. Assim abriram-se novamente as portas que estavam aparentemente fechadas para Kentenich e ele pode tornar-se sacerdote.

Em 8 de julho de 1910 é ordenado sacerdote e passa a servir a Sociedade dos Palotinos com grande fidelidade e liberdade interior, até ser nomeado como professor de latim e alemão no seminário em Ehrenbreitstein⁶. Ali começa a desdobrar seu talento pedagógico inovador.

“Depois de ter dado espaço à tendência metafísica da minha alma, durante os anos de crescimento, graças ao contato com a vida desenvolveu-se a capacidade psicológica de compreender e de exercer uma influência formadora. A verdadeira atuação criadora, que no decorrer dos anos se desdobrou mais e mais, consiste na união harmoniosa entre a ordem natural e a sobrenatural, assim como na interação de ambas” (Schlickmann, 2008, p. 214)

⁶ Não é enviado como missionário a Camarões devido a sua saúde delicada.

2. LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA SITUAÇÃO EDUCACIONAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Schlickmann, em seu livro: *Tempestades de Outono*⁷ traz algumas informações sobre o contexto histórico em que Kentenich iniciou seu desempenho. O início da atuação de José Kentenich ocorreu na Alemanha na época do império prussiano⁸. O trabalho pedagógico desenvolvia-se embasado nas virtudes prussianas: disciplina, obediência e ordem. Praticamente, a compreensão não existia com relação ao desenvolvimento da criança, muito menos de conciliar a ação educativa com a realidade cotidiana infantil e juvenil. A formação autoritária baseada no domínio, na supervisão e no castigo, principalmente os corporais, extremamente difundidos, educava na intenção de formar súditos e soldados respeitosos e obedientes a serviço do imperador e da pátria. O pensar autonomamente era extremamente perigoso, quem assim sucedia era mal visto e até duvidoso.

Em meados de 1890, com as primícias da reforma pedagógica, houve manifestações contra o estilo intolerante e austero de educação vigente na época. Cada vez mais crescia o número de educadores comprometidos com uma pedagogia alternativa contra a “antiga escola”. Até na literatura apareciam críticas quanto à educação tradicional.

Poucos eram os internatos públicos e eclesiais que se interessavam por essa reforma pedagógica. Avaliavam-nas como revolucionárias, subversivas, modernistas, de revelação política extremamente suspeita. Estimavam a ordem austera e rígida, obediência total e uma severa disciplina. As instituições que observavam esses critérios eram as mais conceituadas. Desse modo, é de se compreender que a política sustentada no novo seminário palotino fosse orientada por esse critério de educação, com a intenção de competir com eles.

Por conta do espaço físico escasso, os palotinos precisaram dividir seu internato entre Vallendar e Ehrenbreitstein. Assim, em 1912, construíram um seminário novo em Schoenstatt, próximo a cidade de Vallendar, no qual abrigaram as sete turmas de ginásio. Com essa mudança, o jovem professor de latim e alemão, José Kentenich, mudou-se também para Vallendar a fim de compor o corpo docente de

⁷SCHLICKMANN, Dorothea M. *Tempestades de Outono 1912: O início de uma revolução interior*, ed. 2007 Schönstatt-Verlag. Santa Maria: Sociedade Mãe Rainha, 2012.

⁸ Regime imperial na Alemanha ocorreu de 1871 a 1918.

então. A direção palotina procurava uniformizar a educação e o ensino na nova casa e para isso elaborou “Normas para a condução da instituição, destinadas aos professores, e Estatutos, para os alunos” (Schlickmann, 2012, p. 19).

Segundo Schlickmann (2012), a propaganda da escola era apresentada como uma das mais modernas da época ”com longas caminhadas nos recreios, competições e outras atividades esportivas e a casa tinha uma piscina para natação. O diretor provincial inseriu bonés uniformes para os alunos, assim como bandeiras e uniformes para os porta-bandeiras, o que estava muito em moda”. Contudo, basta olhar para como os estudos estavam ordenados e ver toda essa “beleza” desaparecer em um caminho tipicamente sem liberdade. Esse termo para a época era visto como um mal, um vício, um perigo para o aluno. Quanto mais limitada a sua liberdade, mais seguro e melhor seria seu desenvolvimento.

Nos Estatutos da casa havia 120 determinações que limitavam os alunos a sentirem-se simplesmente codificados a regras sem prévias explicações, era muito mais do que um abuso de autoridade e de obediência, pois eram vigiados dia e noite e qualquer deslize, percebido. Principalmente os mais velhos não estavam acostumados a isso, visto que em Ehrenbreitstein gozavam de certa “liberdade e autonomia”.

Seguem alguns exemplos das novas normas vigentes na casa, (Schlickmann, 2012, p. 23):

“Determinações para a sala de estudos...
 Não podem ser utilizados outros tinteiros além dos que estão inseridos nas carteiras; Tintas coloridas também são proibidas;
 Após o uso, os tinteiros devem ser fechados; só podem ser lavados no córrego, com autorização do Prefeito...
 Durante as aulas todos devem permanecer sentados...
 Durante o estudo da manhã todos devem permanecer de pé, assim como à tarde, das 3 às 4 e das 6 às 7...
 Na sala de estudo é proibido falar, o que todos os alunos devem observar de modo particular;
 É proibido escrever bilhetes;
 É prova de má educação olhar pelas janelas...”

Qualquer sinal de liberdade era sinônimo de abuso do poder.

A maior dificuldade não era cumprir as novas regras, mas o que acontecia era que elas eram impostas, sem nenhuma explicação e controladas severamente. Qualquer não observância era tomada por desobediência e a educação vigente contribuía para tanto, pois o aluno não tinha participação nenhuma, deveria

somente acatar as normas.

Mais tarde, um dos alunos relata, em 1915, na revista “MTA”⁹:

“Quem não passara, como nós, pelo menos um ano em Ehrenbreitstein e depois fora transferido para Vallendar, para a nova casa de Schoenstatt, e não vivenciara a tremenda mudança da situação, nunca entenderá nosso anelo à liberdade que, após ter sido reprimido, no outono de 1912 buscava manifestar-se com tanto mais violência. (...) Ó, aqueles novos estatutos da casa! Como pareciam inofensivos quando os colocaram em nossas mãos! No entanto, quanto prejuízo provocaram! Eles foram a primeira algema que nos acorrentou; a primeira – e para alguns já demasiadamente pesada.”

Os alunos manifestavam-se, escreviam nas lousas frases provocativas que demonstravam a sua insatisfação: “Uma casa onde não reina alegria deve ser imediatamente fechada.” Nos corredores aproveitavam para escrever frases em papéis e jogavam pelo chão com os dizeres: “Queremos ser livres como eram nossos pais.”¹⁰

Alguns alunos, conforme Schlickmann (2012), no entanto, não se opunham à ordem no seminário, alegando que lhes agradam as regras e a oportunidade de estudar, visto que grande parte dos alunos provinha de uma situação econômica baixa, sendo o seminário adequado à mensalidade que a família podia pagar.

Porém outra questão era-lhes mais penosa e essa se refere aos castigos que aplicavam aos alunos conforme era a educação defendida na época.

Dentro da mentalidade educacional vigente, entre os próprios alunos era escolhido um representante, “prefeito” que tinha a tarefa de auxiliar na ordem da instituição, ou seja, este deveria anotar todos os maus comportamentos de seus colegas e apresentá-las ao assim chamado, “Vice-reitor”. Este por sua vez podia aplicar castigos mais leves, enquanto os mais pesados ficavam por conta do próprio Reitor.

Para citar alguns exemplos: “acolitar junto ao piano”, o “boletim mensal” e o “castigo do espancamento”¹¹.

Um dos alunos que passou a morar no seminário em 1913 relata:

“Nesse período surgiu novamente o castigo do espancamento, tão humilhante para um aluno candidato ao sacerdócio. Na época, era comum considerar o castigo por espancamento um meio para manter a disciplina nas instituições de

⁹ Mater Ter Admirabilis (Mãe Três Vezes Admirável), revista criada por José Kentenich

¹⁰ Schlickmann, 2012, p. 25. Era extremamente proibido escrever bilhetes, conforme os estatutos da casa.

¹¹ Estes significavam respectivamente: “o aluno era obrigado a permanecer de joelhos junto do lugar do Padre Prefeito (perto do piano) durante uma refeição. Comia nessa posição ou não comia; Uma carta mensal comunicando aos pais o mau comportamento do filho; A punição de espancamento era aplicada por um irmão que trabalhava no estábulo com a permissão do reitor”. Cf. Schlickmann, *Tempestades de Outono 1912: o início de uma revolução interior*, 2012, p.28

educação masculinas civis e religiosas. Porém, ele tornara-se particularmente pesado para os alunos de Schoenstatt, consagrados ao elevado ideal do sacerdote missionário. Que importa a um jovem ser castigado, quando apanhado em flagrante? Mas este caso era diferente: primeiro, havia um interrogatório tremendamente humilhante, depois reunião dos professores, depois reunião dos estudantes, depois ‘espancamento’ diante de toda a turma. (...) Estes castigos feriam o sentimento de honra dos alunos que se sentiam a mercê dos seus superiores e sem defesa. (...) Certa vez, dois dos mais inteligentes do segundo ano foram apanhados a ler um livro então proibido. Numa reunião de professores, especialmente convocada, foram-lhes impostos o castigo de espancamento e ficarem ajoelhados no refeitório durante a refeição. O ‘espancamento’ foi aplicado na sala de estudos do segundo ano, por um irmão postulante que não tinha boa fama. Os irmãos bons nunca aceitaram fazer tal coisa. (...) Os espancamentos sempre mais frequentes revoltavam os alunos. E a revolta queria manifestar-se.”

Cada vez mais os alunos manifestavam a sua insatisfação com o modo como as coisas iam se encaminhando. Ameaçados e coagidos, sentiam-se incapazes de reivindicar abertamente. Entre eles, surgiram vários poemas satíricos e teatros que apresentavam durante o recreio noturno. Quando pegos, os castigos não eram dos mais leves, muitas das regras dos estatutos da casa entravam em vigor como os espancamentos, deixando os alunos ainda mais revoltados com essa situação. Os travesseiros eram o consolo de cada um, no qual derramavam suas lágrimas silenciosamente. Segundo Schlickmann (2012), “dois alunos fugiram e foram apanhados pela polícia em Lorch”

3. UMA PEDAGOGIA INOVADORA

Frente à triste situação em que viviam os jovens no seminário e às suas manifestações, o Conselho Provincial resolveu afastar o atual Diretor Espiritual e seu auxiliar¹² e nomeou José Kentenich como o novo Diretor Espiritual.

Este estava prestes a completar 27 anos, na sua formação não tivera experiência de um Diretor Espiritual, mas seu talento pedagógico enchia de confiança aqueles que ali o colocaram, como nos relata Schlickmann (2012):

“Embora não tivesse dito nada, eu pensara no Padre Kentenich”, conta o Padre Kolb mais tarde. “Mas assustava-me a ideia de retirá-lo do ensino por causa de seu talento pedagógico. Porém, quando o Reitor, Padre Wagner, também o propôs como candidato adequado, considerei a questão resolvida. Na próxima reunião do conselho provincial P.K. foi nomeado Diretor Espiritual e assumiu imediatamente o cargo.”

Conforme os estatutos dos professores, José Kentenich não poderia interferir na dinâmica disciplinar aplicada no internato, contudo, sem que os alunos soubessem, empenhou-se pela abolição dos castigos corporais. Anos mais tarde, em 1949, na Argentina, relata:

“Em Vallendar dominava (1912) uma pedagogia de espancamento. Uma dureza sem igual. Eu aboli-a imediatamente. Consegui. Disse o seguinte: Eu não admito castigo por espancamento, mas quem quiser pode machucar-se pessoalmente. Considero isso sadio. Quando a alma atingiu certa maturidade, já não necessita desses meios. Dos que foram espancados quase nenhum ficou sacerdote. Vêm como devem seguir sempre a pedagogia do ideal e educar através de um ideal?”

O ideal que Kentenich defendia era o ideal da liberdade, baseado na formação de personalidades livres, expressão que era tratada com certo rigor nessa época, pois liberdade incluía riscos.

Segundo Schlickmann (1912), no começo de sua atuação como Diretor Espiritual observara um dia o comportamento dos alunos na capela sem ser visto e concluiu que enquanto não eram vigiados “escapavam” do controle acerbo a ponto de dois caírem do banco brigando. Desse modo, admite: “Com o meu método não pode ficar pior, por isso vou ousar.”

José Kentenich inicia uma educação voltada à liberdade, anseio que sempre trouxera em seu interior desde a mais tenra infância, uma liberdade capaz de formar personalidades livres capazes de agir por si mesmas, por uma convicção interna.

¹² Segundo relatos de Schlickmann em *Tempestades de Outono 1912: o início de uma revolução interior*, 2012, ambos apresentaram sua demissão em 30 de setembro de 1912, alegando motivos de saúde.

Oferece ao educando a maior liberdade possível e como condição a confiança no que o educando tem de positivo e na atuação divina. Passa a abordar, com os jovens, temas que os ocupa verdadeiramente no momento: eles mesmos.

Em sua primeira palestra traz:

“Não é necessário um conhecimento extraordinário do mundo e dos homens para ver que o nosso tempo, com todo o seu progresso e suas múltiplas descobertas, não consegue livrar o homem do vazio interior. Toda a atenção e iniciativa têm por objetivo exclusivamente o macrocosmo, o grande mundo – o mundo fora de nós. Realmente, não cessamos de admirar o gênio humano que dominou as poderosas energias da natureza e as colocou a seu serviço. Ele vence todas as distâncias, sonda as profundezas do mar, perfura as cadeias de montanhas e voa pelas alturas do espaço sideral [...] Porém, apesar de tudo, há um mundo sempre antigo e sempre novo – o microcosmo – o nosso próprio pequeno mundo interior que permanece ignorado e desconhecido” (KENTENICH, 1912)

Em suas palestras, critica a atenção voltada somente para o progresso do mundo exterior, sem valorizar o crescimento do mundo interior. A mudança de perspectiva do macrocosmo¹³ para o microcosmo¹⁴, no entanto, não deve fechar-se em si mesmo. José Kentenich entende essa conquista como ponte para um objetivo apostólico, que sai ao encontro das necessidades do outro, que não fica preso ao comodismo, que é capaz de encarar uma revolução, se for o caso. Assim que assumiu sua nova tarefa no seminário, Kentenich se destacou por dois aspectos: primeiro por empenhar-se firmemente em abolir os castigos de espancamento e segundo por sua primeira palestra¹⁵. Ambos mostravam como entendia a alma do jovem “em revolta”, era capaz de captar qual era, na verdade, seu mais íntimo anseio: queriam agir autonomamente, que fossem respeitadas suas opiniões, não queriam simplesmente receber comandos dos superiores... A saudade da “suposta” liberdade de Ehrenbreitstein era somente o meio que utilizaram para tentar reivindicar os direitos que não eram concedidos.

Grande era a preocupação de José Kentenich pela piedade e práticas religiosas formalistas, tanto que, por um ano e meio, quando possível, não fazia menção a temas religiosos em suas palestras. Anos mais tarde conta: “Não se podem educar adolescentes como noviços! (...) Deve-se partir dos valores que correspondem à receptividade do educando. Nos primeiros tempos, dei palestras sem mencionar a palavra Deus” (SCHLICKMANN, 2012, p. 52)

¹³ Mundo fora de nós, mundo externo.

¹⁴ Mundo dentro de nós, nosso coração, mundo interior.

¹⁵ Segue em anexo. Mais tarde ficou conhecido como Documento de Pré Fundação de Schoenstatt. Datado 27 de outubro de 1912.

Procurou com os jovens, temas voltados à ética, que tivessem relação com eles mesmos. Mais tarde define essa prática como “Pedagogia do Movimento”¹⁶.

Desde o princípio, comunica aos jovens sobre a relação que mantiveram até então e como se dará dali para frente, apresentando a eles seus anseios e pensamentos e deixando espaço livre para que pudessem compartilhar suas ideias, podendo eles aderir a ele ou não.

Eram dois os motivos de Kentenich deixar espaço livre para os jovens tomarem suas decisões: ele conhecia a alma juvenil, sabia o que se passava no mais fundo de seu interior e conhecia o anseio dessa alma por liberdade e autonomia, correspondia à sua receptividade para valores. Segundo, conhecia a si mesmo e quão grande era seu anseio de educador: educar personalidades livres, que não vão de encontro à massa, mas que por convicção interna sabem tomar suas decisões autonomamente.

Segundo Schlickmann (2012), mais tarde explica sobre a importância de prezar pelas decisões pessoais magnânimas, por espaços de liberdade: “Por amor de Deus, não inventem deveres onde eles não existem, caso contrário educarão escravos, pessoas que são boas por engano”. (KENTENICH, 1952, p.20)

O seu objetivo pedagógico define também o método, o comportamento e as atitudes do educador. Kentenich estimulava os jovens à autoeducação, incentivando a perceberem como cada um é importante. Não se dava por satisfeito apenas em dizer-lhes estas coisas em palestras, pela maneira que os levava a sério demonstrava o valor que dava a suas palavras.

Quando, em sua primeira palestra aos jovens comunica-lhes seus anseios diz:

“Vamos criar esta organização. Nós – não eu. Por que neste sentido não farei nada, absolutamente nada sem vosso pleno consentimento. Não se trata dum trabalho para o momento, mas de uma organização que sirva a todas as gerações futuras. Vossos sucessores alimentar-se-ão de vosso zelo, de vosso conhecimento das almas, de vossa prudência. Estou convicto de que seremos aptos para realizar obra útil, se todos cooperarem” (KENTENICH, 1912)

Em nenhum momento de sua atuação utiliza tom autoritário como quem ministra ensinamentos. Em sua primeira palestra, usa 123 vezes a palavra “nós” (muitas delas empregadas implicitamente na conjugação verbal). Em nenhum momento diz: “vocês deveriam”, “vocês precisam” ou “vocês devem”. Isto é traço característico de sua educação à liberdade, e a solidariedade para com os que lhe são confiados, o

¹⁶ Significa, em linguagem figurada, que o educador “move-se” em direção ao educando para captar sua receptividade individual para valores, a partir de seus interesses e de sua situação psicológica, adequada ao educando a transmissão de valores.

que marca sua personalidade até o fim de sua vida, como relata certa vez:

“Em primeiro lugar, mostrei que considerava todos os alunos como colaboradores; não somente como pedras de construção, mas também como mestres da obra e arquitetos. Compreendem o significado psicológico, a atitude fundamental? Um extraordinário respeito para com os meus seguidores como meus colaboradores” (KENTENICH, 1952, p.29)

Percebe-se claramente como Kentenich toma “as rédeas” nas mãos: aponta o caminho sem submetê-los a uma votação democrática. Contudo, apresenta seus objetivos com tamanha transparência, cabendo aos jovens a liberdade de aderirem ou não.

3.1 Prática da liberdade pelo autoconhecimento

Em sua prática pedagógica, Kentenich encontra no diálogo uma forma de capacitar os jovens, de modo que pudessem utilizar sua liberdade, para compreender melhor a si mesmos e aos outros. Em certa ocasião, diz:

“O jovem busca auto-conhecer-se e conquistar a própria personalidade. Mas permitam que lhes diga: se quiserem imitar esse método com seus jovens, não poderão estudá-lo em livros. Precisam estudar a vida psíquica de seus jovens e descrever o que nela acontece. Não devem dizer: isto vale para ti e aquilo vale para ti. O jovem nessa idade não suporta isso. Se fizerem isso, perdem-no por toda a vida. Permitam que o diga nestes termos: isso supõe uma extraordinária relação de confiança” (KENTENICH, 1952, p. 33)

Em nenhum momento, Kentenich apresenta os subsídios para o autoconhecimento em forma de “análises e diagnósticos como um supervisor”, diz Schlickmann. Ao contrário, indica-lhes o caminho para que possam descobrir sozinhos, seu mundo interior. Certa vez relata o método que aplicou:

“Em primeiro lugar mostrei através da leitura¹⁷ a imagem interior do jovem na adolescência. Em segundo lugar, apresentei, sempre de novo, nas palestras, a verdadeira situação interior dos jovens e mais tarde desenvolvi sistematicamente toda uma psicologia juvenil. (...) Em terceiro lugar, posteriormente trabalhamos frequentemente no Movimento a teoria dos temperamentos, orientando assim a olhar o próprio interior (...). Temos de acostumar-nos a dialogar livremente, conforme o grau de nossa cultura” (KENTENICH, 1952, p. 33)

Essa prática dialogal e de promoção de debates não era muito conhecida pelos alunos, estavam acostumados a falar somente quando eram interrogados e a reproduzir aquilo que memorizavam.

¹⁷ Nota da autora: J. Kentenich lia com os jovens diversas obras sobre pedagogia e histórias de alunos para motivá-los à discussão e para exemplificar os seus objetivos.

“Quando fiquei Diretor Espiritual e vi a educação praticada, disse comigo: esta educação não está certa. Derrubei simplesmente tudo. Eu tinha 25 anos. Pensei também que devia haver mais iniciativa própria, pessoal, sadia. Os jovens não estavam preparados para isso. (...) Quando comecei a trabalhar com eles, nem estavam abertos para isso. Demorou muito até se tornarem finalmente autônomos.” (KENTENICH, 1929)

Kentenich dizia que os jovens nessa idade acham que só eles estão passando por isso, que ninguém jamais experimentou tal sentimento. Isso é típico da idade. Quando sem mais nem menos se percebe na adolescência é como “um prisioneiro na sua prisão”. Quando simplesmente ao contar que isso acontece com todos nessa idade, ele pode novamente estabelecer-se interiormente.

Algo que muito contribuía para que os jovens tivessem uma percepção diferente da que tiveram até então é que Kentenich procura trabalhar com eles leituras que os ajudem a libertar-se das “algemas interiores”:

“Dito de passagem, de um ponto de vista pedagógico é sempre importante que nas palestras desenhem e mostrem aos seus ouvintes como eles são realmente; portanto que não dêem palestras segundo livros, mas a partir da vida; que tenham contato com a vida. Pelos olhos dos jovens podem ver se entenderam o que disseram, se eles foram interiormente tocados” (KENTENICH, 1952, p. 31)

4. PEDAGOGIA DAS CINCO ESTRELAS CONDUTORAS

Desde o início, a Pedagogia kentenichiana, a Pedagogia de Schoenstatt, procurou atuar na formação do novo homem na nova comunidade, com a intenção de transformar a sociedade em um lugar mais justo, fraterno e solidário.

No Sistema Pedagógico de Schoenstatt, o amor é a base fundamental de toda e qualquer educação. Dotto¹⁸ citada por Lawand (2008) seguindo esse preceito traz que “a educação do humano realiza-se na comunhão interpessoal”, no contato entre o “eu” e o “tu”, do “educador com o educando”, na comum união entre ambos, em busca de suas identidades.

O amor deve impulsionar o educador até o mais profundo de seu ser. Ser capaz de tudo, de empenhar-se de modo pessoal, ardoroso e sacrificial.

Não é por acaso que, em Schoenstatt, costuma-se destacar que “Educadores são personalidades inflamadas de amor, que nunca abandonam este amor. Verdadeiros e genuínos educadores são gênios do amor” (Kentenich, 1997, p. 25)

Um grande desafio da Pedagogia de Schoenstatt é apresentar o amor como a lei fundamental do mundo, da vida e da educação, procurando conduzir o indivíduo a ultrapassar as barreiras da sua época, educando-se na prática do amor, a maior de todas as virtudes.

Como defendia Kentenich, o homem é o construtor e sujeito de seu próprio desenvolvimento, por isso, compete à educação fornecer meios para que ele possa desvendar seus próprios caminhos, para ser um homem aberto ao novo, que faz do dia a dia sua escola de aprendizagem.

O que difere essa pedagogia de tantas outras é que ela enxerga o ser humano na sua totalidade:

J. Kentenich via o ser humano como "*microcosmo*", como um todo. Não o contemplava apenas sob determinados aspectos da natureza humana, como por exemplo, a questão do sexo (gender) ou seu papel no processo econômico (marxismo); não o via como simples produto do ambiente (psicologismo social) ou como resultado de seus instintos (Freud). É, pois extremamente importante contemplar sua imagem do homem, porque descreve o cosmo do

¹⁸ DOTTO, Fátima Elisa. A educação do amor humano na perspectiva do Padre José Kentenich. Santa Maria: Centro Mariano, 1994.

ser humano como um todo e em suas múltiplas relações. Os princípios acima citados referem-se sempre unicamente a um determinado aspecto da natureza humana. (SCHLICKMANN, 2016)

Frente a isso, a educação se torna possível e necessária, pois promove modificações no ser humano. Segundo Lawand (2008), “este é um ser em constante transformação, não só exteriormente, por causa do crescimento ou decadência, que faz parte do ser vivo em geral, mas também interiormente, ao fazer de si um ser histórico”

O sistema pedagógico de Schoenstatt surgiu como resposta à questão da liberdade. Desde o início da atuação de José Kentenich vemos presente as estrelas condutoras de sua pedagogia. No ano de 1912, os alunos que viviam no Seminário Menor dos Padres Palotinos presenciavam um clima de agressão e rebeldia por causa da maneira como estava sendo aplicados os estatutos da casa.

Monnerjahn¹⁹ (*apud* LAWAND, 2008) relata a tensão vivida na época:

Faltas contra a ordem eram castigadas imediatamente e com rigor, em certos casos, até com severos castigos físicos. Os alunos opuseram-se a tal prática pedagógica não só com uma reação velada. Sua atitude revolucionária expressou-se em frases que escreviam no quadro negro, como: “Uma casa onde não reina alegria deve ser fechada imediatamente”

Kentenich demonstrou ser um educador carismático. Sua maneira de trabalhar quebrou com as práticas vigentes na época, procurava merecer a confiança dos alunos. Isso se pode perceber desde o início de sua atuação como diretor espiritual no Seminário, quando fala aos jovens:

“Estou inteiramente à vossa disposição com tudo o que sou e tenho: com meus conhecimentos e capacidades e com minhas limitações; mas, sobretudo vos pertence o meu coração (...). Queremos aprender. Não somente vós, eu também. Aprenderemos uns dos outros, pois nossa aprendizagem nunca há de cessar, principalmente em se tratando da arte da auto-educação, que é obra de toda a nossa vida.” (JK)

Essas palavras jamais passariam por despercebido pelo ouvido dos jovens, pois jamais esperariam que um professor se colocasse desta maneira perante eles, alunos. Por isso, as palavras de Kentenich encontraram eco no coração dos jovens e eles se entusiasmaram, pois o novo diretor espiritual havia captado e entendido o que se passava na alma deles: o anseio pela liberdade, e esta pôde se desenvolver numa

¹⁹ MONNERJAHN, Engelbert. Padre José Kentenich: uma vida pela Igreja. São Paulo: Instituto Secular dos Padres de Schoenstatt, 1977.

relação de corresponsabilidade e confiança mútua.

Se por um lado, a maneira de lidar com os jovens e sua maestria pedagógica tenha agradado a estes, por outro lado os colegas de trabalho de Kentenich não estavam nada satisfeitos com o seu modo de trabalhar. Alessandri²⁰ (apud LAWAND, 2008) nos relata um exemplo:

(...) o professor de Música protesta quando os jovens se reúnem com o seu Diretor Espiritual [Kentenich], cantam cantos que não ensaiaram com ele nas aulas e, portanto, saem desafinados. Ou seja, os jovens nem sequer podiam cantar quando queriam se não ensaiassem previamente; não podiam fazê-lo porque o canto não saía perfeito. O professor de Alemão também protestou porque nas reuniões do Padre Kentenich com os jovens, eles não se limitavam a ouvir – como se pensava que devia ser – mas também participavam e expunham suas ideias, e não sabiam fazê-lo num alemão correto. Por esse motivo estariam estropiando o idioma. Os alunos deveriam ouvir seu professor e aprender a falar como se deve e, somente quando tivessem preparado algo por escrito e o professor tivesse corrigido, é que poderiam falar em público. Alguns professores se escandalizaram ainda mais ao saber que na realidade, nas reuniões que nosso Pai e Fundador [Kentenich] organizava, todos falavam mais do que ele, pois ele queria que eles mesmos descobrissem os ensinamentos e manifestassem seu parecer. Tudo isso era algo incompreensível nesse tempo.

Mesmo em meio às discordâncias, José Kentenich permaneceu firme em suas convicções. Tudo o que passou durante sua juventude, as crises e experiências, unidas a um constante observar e refletir sobre as práticas atuantes na época permitiram que ele pudesse dar vida a um novo sistema de educação.

Nada do que inseriu em sua pedagogia foi anexado sem antes ter tido uma experiência de observação e reflexão orgânicas. Com muita paciência e cuidado observou como a vida se desenvolve de maneira diferente em cada ser humano, como cada um é único e por isso requer uma educação que respeite essa originalidade. Colheu durante sua vida todas as experiências, desde aquelas vividas na infância até em sua atuação como educador.

Com isso, não aboliu completamente a prática educacional que reinava na época, pois também defendia que para um bom êxito na aprendizagem, “disciplina acadêmica e responsabilidade” eram indispensáveis.

Nesta visão, Kentenich formulou como diretrizes para sua pedagogia o que denominou de Cinco Estrelas Conductoras, sendo estas: Pedagogia do Ideal, Pedagogia da Confiança, Pedagogia do Movimento, Pedagogia das Vinculações e

²⁰ALESSANDRI, Hernán. Padre José Kentenich: um fundador, um pai, uma missão. Santa Maria: Palotti, 2001

Pedagogia da Aliança.

“Nossa Pedagogia da Vinculação, da Aliança e do Ideal não é nova, no mundo da ciência pedagógica. Pelo contrário, o que foi ensinado e vivido nesta direção, por séculos de história, foi cuidadosamente captado, elaborado e fundido em nossa teoria, num sistema fechado; tudo o que, até o presente, em muitos lugares mostrou-se eficiente, surge agora, em nosso sistema, como ideia claramente elaborada, que se desdobra criadoramente. (Kentenich)”

4.1 Pedagogia do Ideal

Indica-se, desde o princípio, que não se entenda por ideal o estabelecimento de um molde, no qual de toda a forma se queira “enformar/ colocar em uma fôrma” o educando. Muito menos proclamar frases sugestivas no intuito de que alguém as assuma como norma de vida.

Entende-se por Ideal uma meta a ser conquistada na realização de uma “ideia predileta”. É inato no indivíduo, como diz Lawand (2008) “que apenas precisa descobri-lo, vivê-lo e irradiá-lo”. Na concepção Schoenstattiana, a vivência do ideal pode superar a crise do mundo atual: superação do homem individualista, coletivista, materialista.

A Pedagogia do Ideal incide em descobrir a forma original interior, a imagem pensada por Deus, inscrita no íntimo de cada indivíduo e desdobrá-la plenamente.

Cabe ao educador, nesse processo de descoberta, segundo Strada & Pontes, (1998) “colaborar para que em plena liberdade, o educando conheça, assuma e realize plenamente o projeto de sua própria vocação humana e cristã”, como anuncia Kentenich:

“Educar é servir desinteressadamente à singularidade e originalidade de cada ser humano. É servir desinteressadamente à grande ideia que Deus colocou em cada personalidade, e assim colocar-se a serviço de Deus. Esta pedagogia realiza-se respeitando-se cada indivíduo, sua história pessoal e cada maneira de ser com seus distintos talentos”.

Na Pedagogia do Ideal, cada ser humano é convidado a assumir a sua essência, a desdobrar-se em todas as suas capacidades e talentos e a desenvolver plenamente sua existência, que é única e “irrepetível”.

Frente à liberdade pessoal de cada um e as inúmeras intervenções da sociedade, este ideal pode ser estimulado ou contrariamente, sufocado.

“A Pedagogia do Ideal abrange a pedagogia da atitude, em oposição à simples pedagogia de atos; a pedagogia da generosidade em oposição à do dever; a pedagogia da humildade, em oposição à da vanglória e autojustificação; a pedagogia da liberdade em oposição à do constrangimento; a pedagogia da alegria, em oposição à negra pedagogia da tristeza.” (Kentenich, 1984, p. 144)

Pode-se afirmar que a pedagogia do ideal é a pedagogia da atitude. Não se desqualifica os atos, contudo, o ideal favorece para que o ato se transforme em atitude, mais intensamente, em atitude interior. Ao desenvolver no indivíduo todas as suas potencialidades, aos poucos, interiormente, este se abre para uma profunda atitude interior, a realização de seu ideal. Nada se faz sem antes ter uma convicção interna, ou seja, uma liberdade interior.

A sociedade atual cada vez mais incute no ser humano o desejo do ter e do poder, tornando as coisas e, conseqüentemente às pessoas, cada dia, mais “descartáveis”. Por isso, é uma missão da educação trabalhar pela verdadeira liberdade, formando pessoas capazes de enfrentar, destemidas, os desafios que a sociedade apresenta.

As ações cada vez mais não têm fundamento, são isoladas umas das outras, não produzem resultados duradouros e aos poucos, sutilmente, vão coagindo a liberdade. Desse modo, a Pedagogia do Ideal faz-se cada vez mais urgente.

Desde muito tempo, Kentenich desejou que a pedagogia schoenstattiana, em geral, se desenvolvesse em um “pensar, amar e viver orgânicos, numa ação contínua e integrada”.

Dá-se importante destaque na Pedagogia do Ideal à liberdade e à generosidade. Não é o “ter” que fazer, mas sim o “poder” fazer. Kentenich diz: “Educação para a liberdade é o fio vermelho que perpassa toda a história de Schoenstatt”. Nesse mesmo sentido também destaca:

“Que o educando tenha o máximo de ocasiões para decidir-se autonomamente. Por isso, além da disciplina estabelecida pela ordem, deveria haver também espaço para o educando auto-determinar-se (...). Educação para a liberdade é parte essencial da Pedagogia do Ideal”. (Nailis, 1982, p. 107)

4.2 Pedagogia das Vinculações

Para entender a Pedagogia das Vinculações precisamos primeiramente entender

o que é vínculo:

“Quando falamos de vínculos nos referimos a algo muito profundo. Não é a proximidade exterior, a percepção simples de uma realidade diferente da nossa, o conhecimento superficial ou o afeto passageiro. O significado etimológico de vínculo *é atar-se com um laço estável e seguro*”. (Strada & Pontes, 1998, p. 39)

O indivíduo está rodeado por vínculos, entre: pessoas, coisas e Deus. A vida mostra que o ser humano se desenvolve quando consegue manter certa harmonia entre esses três aspectos.

Conforme Strada & Pontes (1998), “o vínculo é que faz com que o ser humano se integre à realidade e a incorpore à sua existência. Apenas o homem é capaz de vínculos, porque só ele é capaz de amar”.

Somente por meio do amor o ser humano é capaz de fortalecer seus vínculos. Estes são como “raízes” que lhe dão firmeza na vida e contribuem para sua realização na vida, dando-lhe segurança.

A sociedade de hoje não sabe mais o que é ter vínculos verdadeiros. Tudo se resume ao vincular-se para possuir, quando o outro não tem mais nada para oferecer, então rompem-se os vínculos. Até mesmo na família onde o amor mais deveria se desenvolver sofre com relações egoístas e altamente funcionais.

A tecnologia trouxe muitos benefícios para a sociedade moderna, a facilidade de comunicar-se, por exemplo. Contudo, quanto mais “contatos virtuais” menos vínculos realistas. Segundo Kentenich: “Todo luxo exterior e o conforto proporcionado pelo alto padrão de vida, fazem-nos interiormente vazios, sem espírito, sem alma, profundamente infelizes”.

4.2.1 Vinculação a pessoas

Cultivar vínculos com as pessoas é algo quase que inato no ser humano, pois este cresce a medida que vê no outro algo a ser alcançado. Desenvolve-se a partir do contato vivo, forte e profundo, com o “você” humano e o “Você” divino.

Os primeiros vínculos se desenvolvem na família e com aqueles com quem passamos muito tempo, educadores, amigos. A maior parte de tudo o que trazemos dentro de nós durante toda a nossa vida é conquistado com esses vínculos, que são dotados de amor e partilhas. Dificilmente aquilo que se aprende em casa, enquanto criança não marca nossos atos futuros, mesmo que inconscientemente.

Devido a isso é de suma importância que o ser humano tenha a oportunidade de desenvolver vínculos realmente duráveis e verdadeiros, pois serão eles que nortearão muitas atitudes da vida.

O vínculo verdadeiro que remetemos a pessoas tende a nos elevar ao sobrenatural, ao divino, a Deus.

4.2.2 Vinculação a lugares

O ser humano sempre está em algum lugar, se está sozinho, está em algum lugar.

Cada lugar desperta no indivíduo certos sentimentos, valores, lembranças. Por isso não se igualar a casa própria a um supermercado, nem estes a um cemitério, por exemplo. É como se os ambientes “falassem” a nós.

Quando um lugar traz boas impressões e lembranças ao indivíduo, ele o guarda interiormente. Um bom exemplo seria a casa paterna, esta o lembra de vivências passadas, pessoas queridas, momentos marcantes. Onde construiu suas raízes, onde se sente abrigado. Por mais que experimente ambientes desagradáveis e hostis, sabe que ali encontra seu “ninho”.

Isso, segundo Kentenich, tem uma explicação teológica: “Deus transfere algo de sua beleza, ordem e bondade não somente aos seres humanos, mas também aos lugares e às coisas. Nelas refletem-se, pálidas, mas realmente, as qualidades divinas”.

4.2.3 Vinculação a ideias

Segundo Strada & Pontes (1998, p. 43),

“A vinculação a ideias vem da necessidade que tem o indivíduo de interpretar o mundo, de conhecer e descobrir as coisas. As ideias que o homem tem de si e dos demais formam sua cosmovisão e guiam sua conduta. E isso deve-se à natureza espiritual e à capacidade intelectual que lhe permite apreender e captar a realidade”

O caso da vinculação a ideias em nenhum momento vem de encontro ao acúmulo de conhecimentos sem sentido, de ter grande capacidade intelectual porém não saber defender com firmeza suas opiniões. O mais importante seria que as ideias se tornem norteadoras da vida, que atinjam de forma decisiva a vida do ser humano.

Conforme Lawand & Bertan (2008, p. 58), “ a Pedagogia das Vinculações é,

sobretudo, uma pedagogia do amor, uma vez que esse é, por excelência, o vínculo que une profundamente Deus e o homem e os homens mutuamente”.

4.3 Pedagogia da Aliança

Das Cinco Estrelas Conductoras da Pedagogia de Schoenstatt está é a que tem maior destaque, pois é ela que une todo o processo educativo ao seu último grau, ao Deus da Aliança. Conforme Lawand & Bertan (2008, p. 58):

“Essa quer aproximar o homem de Deus, não como simples ideia, mas como pessoa, como o Deus do amor infinito. Por isso, ela procura servir à vida do educando, para que ele possa abrir-se às dimensões da vocação cristã, como filho de Deus, irmão de todos e protetor da criação, desenvolvendo-se harmoniosa e plenamente”

Desse modo, a ação pedagógica deve desdobrar-se no sentido de garantir ao educando que ele seja capaz de descobrir sua verdadeira identidade, numa íntima união com Deus, com as pessoas e o mundo. Assim, ele será capaz de dominar o mundo em todas as suas exigências e ser uma personalidade autônoma mesmo em meio à massa em sua instabilidade. “A Pedagogia da Aliança cultiva o relacionamento pessoal com Deus, como resposta às questões sobre o sentido da vida e como segurança do valor da personalidade e dignidade humanas”. (Lawand & Bertan, 2008, p. 59)

O papel do educador na pedagogia da aliança é levar o educando a uma profunda, calorosa e decisiva vinculação a Maria por meio de uma Aliança de Amor²¹.

4.4 Pedagogia da Confiança

Sem confiança não existe relações de troca entre educador e educando. O educador precisa estar pronto para reconhecer no educando suas potencialidades e êxitos, também suas imperfeições e fracassos, sempre com grande otimismo.

²¹ Em 1914, Padre Kantenich e um grupo de jovens selaram pela primeira vez a Aliança de Amor com Maria no Santuário de Schoenstatt, Alemanha. Desde então, existe nos membros a convicção de que Maria, a partir de todos os Santuários a ela dedicados, quer dar as graças do abrigo espiritual, da transformação interior e do ardor apostólico àqueles que aí acorrem. Para tanto, pede a colaboração humana, “Contribuições ao Capital de Graças”, denominação schoenstattiana aos méritos sobrenaturais obtidos pela oração e entrega a Deus, ao próximo e às tarefas cotidianas. Tudo isso é ofertado a Deus pelas mãos de Maria para a realização da missão de renovar religiosa e moralmente o mundo.

Para que haja um bom relacionamento entre ambos, é preciso sempre enxergar o outro como um ser único, que crê no bem que existe no outro e o respeita em sua originalidade. Kentenich sempre procurou orientar os educadores no trato para com seus educandos no caminho do otimismo, que vê no outro algo de bom, desperta suas capacidades adormecidas, estimula em suas conquistas e sempre ajuda a levantar após uma queda: “Essa atitude da parte do educador desperta e desdobra muitas qualidades e forças no educando”.

Por ser um homem muito “humano”, que compreende o indivíduo como um ser repleto de talentos e limitações, não se frustrou com os fracassos humanos, entendia o que se passava no coração das pessoas. Era extremamente compreensível para com os fracassos dos outros. Por ver o bem que existe no outro, muitas vezes conseguiu receber confiança daqueles com quem lidava principalmente no início de sua atuação como Diretor Espiritual no Seminário. Lawand & Bertan (2008, p.60) relatam sobre um de seus ex-alunos:

“Eu era um rapaz traquinas e comprava briga por tudo e por nada. Por esse motivo não era benquisto entre os professores. Certo dia, encontrei-me com o Pe. Kentenich e me apresentei como José Fischer. Ele olhou-me pensativo e disse: ‘Ah! Já ouvi contar muita coisa boa de você!’ Provavelmente teria ouvido de minhas façanhas, mas também da luz que existe onde há sombras. Ele porém, só se referiu ao bem que havia em mim. Passei então a retribuir-lhe confiança por confiança e tornei-me, mais tarde, o primeiro prefeito da Congregação Mariana por ele fundada”

A confiança bem trabalhada desperta muitas virtudes nobres na pessoa humana. Uma delas é a autonomia, esta de modo particular era muito cara por Kentenich, que a desenvolvia de maneira brilhante em suas aulas:

“Basicamente em suas aulas, o Pe. Kentenich procurava levar os alunos à autonomia. Por isso, não eram apenas um vai e vem de perguntas e respostas entre o professor e os alunos. Ao contrário, ele fazia os alunos participarem ativamente, de tal modo que não obrigava a decorarem regras de gramática, mas procurava que fossem deduzidas pela classe. Se um aluno não era capaz de responder, não dava a palavra a quem sabia a resposta, mas promovia uma discussão em que a sala inteira procurava encontrar a solução. (...) Já que a autonomia se desenvolve onde há confiança, foi ao ponto de dar a tarefa ou o tema dos trabalhos de classe e retirar-se de sala”. (Monnerjahn apud Lawand & Bertan)

O fundamento do processo educativo é a relação de confiança e respeito que existe entre educador e educando, é o núcleo da educação como um processo orgânico. Fica claro perceber: amor desperta amor e confiança desperta confiança.

4.5 Pedagogia do Movimento

Segundo Kentenich, educar significa: “despertar, captar, fomentar, cuidar e orientar a vida, mobilizando valores de acordo com a perspectiva de interesses do educando”. Nesse conjunto, a pedagogia do movimento busca descobrir na própria pessoa seus interesses, que respondem aos sinais do tempo e à mediação da graça.

Divide-se em três interesses:

- inconscientes: instintos, paixões predominantes, afetos...
- conscientes: os interesses racionais, objetivos...
- sobrenaturais: interesses ou impulsos que brotam da alma em estado de graça.

Esta pedagogia vem em oposição a uma pedagogia “lógica” ou “estática”, que não parte das pessoas, mas simplesmente busca aplicar um ideal abstrato e genérico, desconfigurado da realidade concreta.

Strada & Pontes (1998, p. 95-99) trazem que:

“Esta pedagogia exige do educador uma grande flexibilidade, capacidade de se adaptar a novas situações, espírito criativo e sensibilidade psicológica, para captar as necessidades pessoais e do ambiente. (...) A Pedagogia do Movimento também se preocupa com a atmosfera ou o ambiente da comunidade na qual se realiza a educação. É de primordial importância que o educador saiba promover e apoiar correntes de vida que impregnem e mobilizem todos os que partilham dos mesmos valores”

O educador deve estar muito aberto e atento para perceber as correntes que movimentam cada um de seus educandos particularmente, e todos igualmente. Dos simples acontecimentos do dia a dia à momentos históricos e marcantes podem influenciar na promoção de novas iniciativas no processo educativo.

Em resumo, as Cinco Estrelas Conductoras da Pedagogia de Schoenstatt caminham umas com as outras. Pode-se perceber que não é possível aplicar uma sem que esta ligue a outra e a outra.

Isso acontece devido ao grande interesse de Kentenich em trabalhar uma pedagogia que seja orgânica e que tenha continuidade, longe dos padrões formalistas que estamos habituados. Ele via o homem como um ser integral, único e belo, por isso ela envolve todas as idades, ambos os sexos, independente de classe social, visando presentear ao mundo essa nova imagem de homem em uma nova sociedade.

5. APLICAÇÃO EM ESCOLAS. É POSSÍVEL?

É importante ressaltar que de nada vale uma teoria que não pode ser aplicada na vida, que não pode ser testada, argumentada, nem sofrer alterações. José Kentenich deixou uma pedagogia que não criou sozinho, nem da noite para o dia. Como já foi citado muitas vezes, tudo em Schoenstatt nasce da experiência, do olhar para as necessidades do momento, do testar com a vida.

Devido a esse caráter exploratório que possui não só a Pedagogia de Schoenstatt, mas todo o contexto geral em que se desenvolveu, é que surgiu a necessidade de levá-la a sair dos “muros” da Alemanha e chegar aqui no Brasil.

Uma das fundações de Kentenich dentro de Schoenstatt foi o Instituto Secular das Irmãs de Maria de Schoenstatt, fundado em 1926, na Alemanha. Em maio de 1935, 12 jovens Irmãs são enviadas ao Brasil para continuar a missão por ele fundada, já que a Alemanha estava vivendo um tempo difícil:

A vinda dessas pioneiras ao Brasil aconteceu em um momento de diversas conturbações políticas e econômicas. No ano de 1929, a Alemanha foi drasticamente abalada pela crise mundial, provocada pela queda da bolsa de Nova York e que atingiu o capitalismo. Contaram-se, em 1932, mais de seis milhões de desempregados. Em 1934, após a morte do presidente da Alemanha, Paul Hindenburg, Adolf Hitler torna-se o Führer, chefe incontestado. Nesse período o terror começa a se espalhar e inicia-se a vertiginosa nazificação da Alemanha. Tudo é controlado pelo Estado e o unipartidarismo se impõe. (Lawand & Bertan, 2008, p. 69)

Via-se que tudo já se encaminhava para a Segunda Guerra Mundial, e o início da perseguição aos religiosos também foi motivo para que deixassem a Alemanha. Uma das 12 pioneiras (Irmã Emanuele Seyfried) relata:

“(…) Em 1935, começavam as lutas e a perseguição aos sacerdotes e religiosos em geral. Por toda a parte, reinava grande angústia, incerteza e insegurança. Não sabíamos o que seria de nós, se poderíamos continuar a trabalhar ou se haveria uma verdadeira e grande perseguição” (Seyfried, [198-])

Na crônica do Instituto, há relatos de que as Irmãs haviam sido solicitadas para atuar na América do Sul, não só no Brasil. O então Delegado Provincial da nova região do Paraná solicitava ao Padre Kentenich o envio de Irmãs para as seguintes tarefas:

- Administração da cozinha e lavanderia do Ginásio Cristo Rei em Jacarezinho;
- Paróquia em Ribeirão Claro, jardim da infância e ensino elementar;
- Uma pequena escola em São José da Boa Vista, onde assumiriam

também o coral da igreja e a catequese.

Na carta escrita a Kentenich, Pe. Raabe solicita três a quatro Irmãs para a abertura da escola elementar, para a manutenção disporiam da mensalidade escolar e à disposição estava “um terreno de 10.000 m² no centro da cidade, próximo à igreja paroquial”.

“A escola elementar poderia evoluir para um colégio para moças com internato em poucos anos. (...) Em virtude de Londrina estar se formando como um centro de colonização cosmopolita existiria também, para a Ordem, a possibilidade de trabalho com a abertura de um noviciado.” (Crônica, fev. 1935)

Muitas eram as dificuldades encontradas pelas Irmãs ao chegarem aqui no Brasil, principalmente com relação aos costumes e à língua, contudo o ardor e o amor pela missão que traziam dentro de si superavam qualquer dificuldade. Segundo Lawand & Bertan (2008, p. 78) “O estudo da língua portuguesa, para as Irmãs, era uma das dificuldades para a comunicação, pois dentro de seis meses deveriam ser professoras. Oito, dentre elas, passaram a assistir a aulas no Colégio das Irmãs Vicentinas em Jacarezinho”

Surgiu então a proposta de utilizarem um galpão que podia ser alugado para seus objetivos, já que a princípio as condições financeiras não eram muito favoráveis. No dia 20 de julho de 1935 duas Irmãs acompanhadas pelo Pe. Raabe viajaram até Londrina para conhecer o terreno e serem apresentadas à população. Desse modo restava-lhes apressar a mudança para em breve começar os trabalhos naquela pequena cidade.

No dia 21 de julho, conheceram a casa que seria alugada para o início das atividades. Lawand & Bertan (2008, p. 79) relatam: “Uma parte dela serviu para montar duas salas de aulas e a parte anexa, para a moradia das Irmãs.”

Assim, aos poucos as Irmãs começam a elaborar planos para sua atuação, observando as escolas estaduais e o Colégio das Irmãs Vicentinas de Jacarezinho.

Em sua vida e atuação, Kentenich sempre procurou perceber os sinais de Deus nos acontecimentos do dia a dia, nas correntes do tempo e dar a elas uma resposta autêntica, como homem plenamente livre. Perante as grandes forças que atuam na sociedade moderna e que acabam por influenciar a formação da personalidade do indivíduo, ele defende que “não se deve pensar em retroceder à Idade Média, mas seguir avante, vivendo no mundo desenvolvido da técnica como personalidade que

possui o domínio próprio, fazendo uso certo da liberdade”.

Baseadas nesses pensamentos, as Irmãs pioneiras puderam firmar seus ideais e implantar Schoenstatt no Brasil, mesmo em meio a grandes dificuldades.

5.1 Aplicação da Pedagogia das Cinco Estrelas Conductoras no Colégio Mãe de Deus

O Colégio Mãe de Deus foi a primeira Instituição de Ensino do mundo da Obra Internacional de Schoenstatt (1914) e do Instituto Secular das Irmãs de Maria (1926). O Instituto Mãe de Deus (denominação da época), hoje Colégio Mãe de Deus, foi fundado em 1936, quando a cidade de Londrina/ Paraná/ Brasil estava despontando no espaço econômico e cultural do Norte do Paraná. A Companhia de Terra Norte do Paraná foi a promotora desta pujante cidade com a divisão de terras para imigrantes. A cultura de café promoveu o crescimento da cidade. A necessidade de educação para filhos de imigrantes e a necessidade de cultura religiosa, chamou as Irmãs de Maria para fundar o Colégio e atender as necessidades da população no pequeno Hospital.

Toda sua história é marcada por um significativo número de alunos, mais de 80 mil até os dias atuais, que tiveram sua formação inovadora curricular e complementar na área cultural como música, esportes, danças, pintura e línguas estrangeiras. Hoje se encontram pelo mundo e são referências profissionais. (Congresso Pedagógico Internacional Schoenstatt de Educação, 2016)

A Pedagogia do Ideal foi aplicada desde o início com os filhos dos pioneiros de Londrina. Uma ex-aluna conta “que passou a ver a vida de outra maneira, oferecendo e ganhando, de modo que sua vida se transformou... Pois ela tinha um ideal”.

Com o ideal de classe são despertadas nos alunos as mais nobres virtudes e a autonomia, eles têm a possibilidade de sentir o que é ser responsável por algo, por uma ideia e, a partir dela, poder autoeducar-se.

No início, os ideais de turma eram elaborados no Curso Primário. Mais tarde, pela experiência, a busca do ideal passou a realizar-se nas séries iniciais do Ensino

Fundamental, visto que, nessa idade os alunos sabem decidir-se, com maior convicção. No Ensino Médio dá-se uma reelaboração e o aprofundamento do ideal, visto que já possuem maior maturidade. Na Educação Infantil, que preserva a coeducação, e no Ensino Fundamental trabalha-se com as crianças um ideal comum: pequenos príncipes e princesas da Mãe de Deus. (Lawand & Bertan, 2008, p. 54)

Na Pedagogia das Vinculações, o Colégio procura favorecer acolhimento e segurança, procurando, na medida do possível, envolver pais, professores e funcionários no cotidiano escolar e na vivência de lar. Prova disso é o relato de uma mãe que ao passar o portão do colégio com sua filha, matriculada na Educação Infantil, esta exclamou: “Como eu amo este Colégio!”

Os alunos desdobram o amor ao local, pelo contato com o Santuário, com suas salas de aula configuradas à luz dos ideais de turma e por todas as dependências do Colégio. As festividades cívicas, os desfiles, os projetos científico-culturais e as ações de solidariedade promovem a educação à cidadania, despertam e fomentam a consciência e o amor à Pátria. (Lawand & Bertan, 2008, p. 57)

Com a Pedagogia do Ideal, o Colégio procura dar vida e forma à Pedagogia da Aliança. Os alunos selam a Aliança de Amor com a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, no Santuário. Eles mesmos elaboram uma oração de consagração à luz do seu ideal de classe, entregando o seu lema e símbolo.

A Pedagogia da Confiança é um esteio firme, sólido para a educação. Nenhum ser humano se desenvolve sem ter como base a confiança mútua. Ela exige que o educador tenha sempre despertado dentro de si o olhar o educando de maneira a reconhecer o nobre e positivo nele, com otimismo e realismo pedagógicos, antevendo que as limitações e imperfeições também fazem parte do processo, de modo que não desclassifique o educando por seus fracassos, mas que saibam ajudá-lo a construir com eles.

A arte de saber captar as forças que atuam na sociedade e transformá-las em bem comum corresponde a Pedagogia do Movimento ou das Correntes de Vida, esta proporciona uma atuação viva e criativa, que gera novos impulsos e iniciativas no processo educativo.

No Colégio Mãe de Deus a corrente de vida acontece com os lemas, escolhidos pelo corpo docente no encontro pedagógico anual, impulsionados pelos acontecimentos marcantes do ano. Exemplo: enfoque da Campanha da Fraternidade, jubileus e datas comemorativas que marcam a história de Schoenstatt e do Colégio e eventos mundiais, como por exemplo, as

olimpíadas, o encontro do Papa com os jovens etc. Os ideais de uma turma são um chamado para dar diretrizes que envolvem o grupo e estabelece um processo evolutivo e constante de vida em torno de uma ideia central.

Assim se explica que Schoenstatt tenha sempre alegado conscientemente que seu sistema de educação é a ligação mais perfeita possível entre a teoria científica e a vida, ou uma teologia e filosofia atual aplicada, uma psicologia e sociologia e biologia de caráter semelhante. Schoenstatt considera todos os resultados das investigações recentes, para fundi-los numa síntese criadora e aplicá-lo na educação prática. [...] compreende-se que e o porquê a teoria da educação schoenstatteana se define, de preferência, como —elo entre a teoria científica e a vida. (KENTENICH, 1997).

Kentenich sempre se preocupou em não separar a ciência da vida, pois segundo ele, tal separação unida à desvinculação de Deus tem como resultado a desintegração da humanidade. Podemos defender que a meta da Pedagogia de Schoenstatt é basicamente a formação do ser humano como personalidade que compreende e age com liberdade e autonomia, baseada nos valores cristãos.

Foi solicitada a Sônia Maria Blanco, diretora no Colégio Mãe de Deus nos anos 1983-1993, ex-aluna do Colégio do Curso Fundamental e Curso de Magistério de 1959 – 1966, professora da 1ª série do Curso Fundamental – 1967, 1968 e 1969. Em 1970, fez opção para pertencer ao Instituto Secular das Irmãs de Maria de Schoenstatt. Em 1971, regente da turma de 6ª série do Curso Ginásial e Professora de História de diversas Turmas. Atuou em diversos Cursos como Coordenadora Pedagógica e professora, nesta Instituição, até 2010, que concedesse uma entrevista a fim de esclarecer sobre a aplicação da Pedagogia das Cinco Estrelas Conductoras no Colégio Mãe de Deus.

“O Colégio Mãe de Deus tem uma marca histórica e fundamental na personalidade dos alunos com a aplicação das **cinco estrelas conductoras**. Como o nome afirma, são estrelas que guiam os jovens para uma busca da ideia diretriz, da força motriz em suas vidas. Esta força está na personalidade e ela é descoberta através de uma viagem ao seu interior, seu microcosmo para responder a um chamado do macrocosmo, seu mundo exterior. O jovem que está em busca do seu ser original, encontrando seu ideal pessoal e ideal de turma, o caminho para a realização plena de sua personalidade.

Tenho muitos exemplos deste período em que fui aluna e atuei como profissional da educação no Colégio Mãe de Deus. A **Pedagogia do Ideal** ajudou-me muito no decorrer destes anos com a atuação com as crianças e adolescentes. Assim como com os jovens nas diferentes etapas da vida. Alguns exemplos esclarecem este caminho.

Em 1973 as alunas do Curso de Magistério em nível de 2º Grau da época, escolheram como ideal de turma: IMAGO. Esta palavra vem para elas como um forte vento que soprou em seus corações e mentes. Refere-se à bela narração feita no Jornal, em Munique por um rapaz que contemplava o ser e o semblante de uma jovem. Ele sentiu-se conduzido ao alto e tomado de saudade paradisíaca, expressou: IMAGO! É o nome que ele deu àquela jovem que jamais percebeu que estava sendo contemplada. E isto significa: IMAGEM HUMANA EM HARMONIA COM O INFINITO. Em sua narração o rapaz diz: “Respeito, ternura, felicidade, brandura, sublimidade, eis os conceitos que

tive da inesquecível face: IMAGO. E continua: O Eterno na mulher nos eleva e nos atrai. Todo o mundo se transformaria se a cópia original de toda beleza, se as mulheres vivessem outra vez seu ser verdadeiro, original, como sacerdotisas do Supremo Ser Humano, cheias de dignidade e sagração, irradiando o encanto do perfeito esquecimento de si mesma, como IMAGO”.

Muitos anos mais tarde, uma ex-aluna, desta turma, veio ao Santuário, consagrar sua filhinha a Mãe de Deus, dizendo: “Irmã, eu quero dar meu Ideal para ela. É diferente do que aquelas promessas que muitas mães fazem para os filhos cumprir, porque no meu caso, eu dou meu ideal, somente sob o ponto de vista de minha responsabilidade maternal”.

Na oração de consagração rezaram: “Pedimos que ela cresça em graça e santidade, tornando-se pequena IMAGO, uma face humana em harmonia com o infinito, um reflexo de Maria, uma pequena Maria, portadora de bênçãos, de alegria, daquela alegria pura que se irradia das almas consagradas a ti”.

Neste exemplo e em outros que poderíamos relatar, podemos ver a expressão singela de todas as outras estrelas condutoras na vida borbulhante no Colégio Mãe de Deus.

A **Pedagogia das vinculações** é expressa por esta harmonia de vida. Do natural ou sobrenatural – encontra-se Deus nas pessoas, nas ideias e na natureza.

Um exemplo que nos indica esta estrela.

Em 1974, a turma encontrou o seu ideal na palavra MAGMA. O símbolo da turma foi desenhado pelo namorado de uma das alunas. Ele se enriqueceu com a descrição que sua namorada fazia sobre o seu ideal de turma. Magma é luz. Magma é rocha, é firmeza. O lema da turma explica melhor o seu simbolismo: “O fogo purifica e cristaliza”! É o fogo divino que queremos conservar e irradia para purificar nosso ser e cristalizá-lo na imagem de Maria, para que muitos outros também se cristalizem nesta imagem ideal, e cheguem por fim a Deus Pai, como pedras preciosas de raro valor!”

Interpretação do símbolo: “O globo terrestre abre-se somente para mostrar-nos o segredo do seu interior. O jogo de raios de luz, formam uma pedra preciosa, cujo centro e unidade é a Cruz. Cristo por sua Cruz e Ressurreição nos mereceu a graça da presença Divina em nosso interior. Esta presença nos purifica e nos cristaliza numa pedra preciosa de cristal, cujo modelo é Maria. No cristal vemos os traços de Maria e de nosso Santuário”.

A **Pedagogia do Movimento ou das Correntes de Vida** transporta o aluno para a vida real. Kentenich, sempre indicou caminhos sólidos com a “mão no pulso do tempo e o ouvido no coração de Deus”. O jovem tem facilidade em buscar as respostas de Deus para o tempo. Eles buscam a verdade em meio as grandes correntes de incertezas que vivem. O ideal é esta ponte segura. Um exemplo pode esclarecer esta aplicação. Uma turma de adolescentes em que era regente como professora responsável pela turma, de 1976 tinha o grande anelo de ver o mundo transparente e puro. Na busca do ideal elas traziam muitas imagens que refletiam o mar com suas ondas cristalinas. Chegaram à conclusão que o lírio era o símbolo de seus corações, mas não queriam a palavra lírio. A gota cristalina também traduzia os seus pensamentos. Mas, na época, estava na publicidade a doença “gota” e assim, não queriam esta palavra. Qual não foi a alegria e o regozijo da turma, quando um dia a Mãe de Deus de sua sala de aula estava ornamentada com lírios e a professora de Biologia para explicar a fecundação, mostrou que no interior do lírio, no seu pistilo, tem uma gotinha e por ela se realiza fertilidade da flor. As alunas gritaram de alegria, quando a professora falou assim, e esta, se assustou com tal reação. Estava descoberto o ideal: Cálice Lirial. Elas foram em busca para traduzir a palavra para o Latim: Calix Lirialis. Tudo é vida, nesta dinâmica de descobertas.

Tudo é visto e descoberto como caminho natural para o sobrenatural. No dia que esta turma selou Aliança de Amor, no Santuário, com a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, por meio de uma oração elaborada pela turma, no contexto de seu ideal, se concretiza a **Pedagogia da Aliança**. O que aconteceu neste dia? Ao sair do Santuário, após a celebração

da Aliança de Amor, um pequeno chuvisqueiro havia deixado os pinheiros repletos de gotinhas de água. A reação das alunas foi admirar e agradecer que o céu respondia a alegria que estava nos seus corações. Deus selou aliança com elas e deu o seu sinal de amor e confirmação.

As cinco estrelas condutoras são descobertas constantes no procedimento vital de cada ser humano. A **Pedagogia da Confiança** faz parte deste processo vital. Ela nos leva a crer no bem existente no outro e na personalidade original de cada um. Podemos imaginar como esta Pedagogia se desenvolve dentro da Pedagogia aplicada no Colégio.

O adolescente e o jovem, assim como a criança, desabrocham a partir do olhar confiante de seus pais e educadores. Esta é uma marca indelével que permanece por toda a vida no ser humano. Esta verdade experimentei como aluna e como profissional de educação no Colégio Mãe de Deus. Quando concluí o Curso de Magistério e fui convidada, para assumir no ano seguinte, uma turma de 1ª série no Colégio, posicionei-me negativamente, pois não gostaria de ser professora de primeiro ano. Na época, estas crianças, não eram portadoras da base da alfabetização. Assim, via-me insegura em formá-los. Então, a Irmã que me convidou, disse-me: “Assume que eu irei te ajudar”! Assumi e ela assumiu o seu compromisso comigo. Todos os dias do ano, ela veio na minha sala, para ver como eu estava e do que precisava para crescer na profissão. Chamou-me sempre de “sua fadinha”. Isto me deu força, pois senti que ela confiava em meu trabalho. Todos crescemos juntos. Acredito que com isto pude esclarecer, no concreto, o que é a Pedagogia da Confiança e as cinco estrelas condutoras.”

A leitura dessa entrevista deixa mais claro como a Pedagogia das Cinco Estrelas Condutoras norteiam não somente a educação formal como também toda a vida de quem com ela se depara. Qualquer ensinamento na vida é assim: “Se o conhecimento não se transformar em amor, se o amor não se transformar em vida, permaneceremos eternamente caricaturas.” (Kentenich, 1966, citado por Schlickmann, 2008, p. 209). Por isso, em vista do mundo em que estamos inseridos, faz-se necessária uma profunda vida de perseverança e fidelidade, de luta para manter-se firme nos valores que defendemos e sermos personalidades livres e vigorosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada passo que se progride no estudo sobre a vida de José Kentenich é inevitável não perceber sua intensa ligação com a liberdade, como uma característica marcante de sua personalidade e o que muito o destaca em sua pedagogia. O seu maior desejo, seu anseio mais íntimo era formar este novo homem, aquele que, mesmo em meio à massa destaca-se por ser interiormente livre.

Quando, durante a Segunda Guerra Mundial foi levado para a prisão da Gestapo e em seguida para o Campo de Concentração de Dachau, mesmo tendo sua liberdade exterior privada, desenvolveu em plenitude sua liberdade interna.

Um episódio em Dachau retrata bem esse aspecto: Ao chegar a Dachau, um dos chefes dali querendo amedrontá-lo, fez-lhe inúmeras perguntas e gritava com ele grosseiramente. Como Kentenich respondia tudo calmamente e permanecia sereno na plena posse de si, o chefe cada vez mais ficava embravecido. Para não dar-se por vencido ordenou a ele que limpasse sua bicicleta, então Kentenich respondeu pacificamente: “Sim, vou fazê-lo, não porque deva, mas porque, como homem livre, quero prestar-lhe esse serviço”. Ao que o chefe respondeu: “Não precisa mais fazê-lo!” (...)

Educar não consiste em transferir conhecimentos a alguém de maneira ditatorial, como se fosse um ente inanimado, ou condicioná-lo para que execute mecanicamente atos ou aprenda certos hábitos. O educador não pode esgotar-se repetindo sempre as mesmas coisas a alguém que está em contínuo movimento como ser vivo que é. Não podemos ignorar a realidade dos atos imanentes, atos que tendem ao desenvolvimento e amadurecimento do educando, nem limitar-nos à imposição de obrigações externas, através de um sistema repressivo de proibições, sanções e castigos. (PROPOSTA PEDAGÓGICA DE SCHOENSTATT)

José Kentenich, desde cedo, percebeu a discrepância no que diz respeito ao progresso exterior e maturidade interior e o desafio de lidar com ela, assim nos mostra sua primeira e profunda palestra pedagógica aos alunos do internato, em 1912.

Segundo ele, a solução não está em dissipar os iphones, computadores, televisões, mas em preparar, formar e fortalecer ainda mais interiormente a nós mesmos e aos jovens como personalidades autônomas capazes de dominar esses conhecimentos.

Segundo Kentenich, “o filósofo que analisa a essência da liberdade fala de duas dimensões: da capacidade de decisão e da capacidade de execução. A junção das duas constitui o cerne da personalidade”.²²

Para Kentenich, é primordial a capacidade de decisão, conforme diz Schlickmann (2016, p.7)

Por que a capacidade de decisão e por isso também a decisão interior certa são o mais importante?... Podem imaginar uma pessoa com uma vontade de execução extraordinariamente forte, mas que por isso ainda não seja uma personalidade de elevado valor ético? Ela quer algo e tem força para executar. O que quer? Dar um tapa em alguém. Dito e feito. Realmente, capacidade de execução! Se a plena grandeza da pessoa consistisse nisso, poderíamos dizer que a pessoa inteiramente dominada pelas compulsões é a maior personalidade. (J. Kentenich, 1940, s/p)

Favorecer a capacidade de decisão a fim de ajudar as crianças a se tornarem, desde a mais tenra infância, autônomas no ambiente em que estão e não se deixarem dominar por circunstâncias e pelos outros. Também para libertar a criança de ser dominada por suas compulsões e estados de espírito. Contudo, Kentenich não pensava apenas na educação das crianças, senão também de todos nós. Uma vez refletindo sobre a realidade do seu tempo disse:

... As pessoas de hoje mostram ser cada vez mais incapazes de tomar grandes decisões, na plena consciência da própria fraqueza. Preferem... Deixar-se carregar e arrastar sem fazer esforços e assumir responsabilidades... Por isso teme-se em todo o lugar tomar decisões pessoais, com consciência de responsabilidade²³.

Se ele ainda estivesse vivo em nosso meio com certeza diria que o remédio para o nosso tempo é a autoeducação:

“o grau de nosso progresso nas ciências tem de ser acompanhado de igual aprofundamento interior e crescimento espiritual. Do contrário, cavar-se-á em nossa alma imenso vazio, tremendo abismo que nos tornará imensamente infelizes. Por isso, autoeducação!”

Kentenich viveu há mais de cinquenta anos e parece que tudo o que falou e observou cabe tão bem para os dias atuais. Sua visão profética mostra como o mundo está cada vez mais crescendo externamente e nunca está satisfeito, pois interiormente ainda somos vazios... Tudo é superficial, nada mais é perdurável, nem mesmo as pessoas.

²² J. Kentenich, Für eine Welt Von morgen, p. 88

²³ Schlickmann (2016, p.9)

REFERÊNCIAS

KENTENICH, José (Padre). **Linhas Fundamentais de uma pedagogia moderna para o educador católico**: conferências do curso pedagógico – 1950. Santa Maria: Pallotti, 1984.

LAWAND, Dionéia; BERTAN, Levino. **A Pedagogia Schoenstattiana e o Colégio Mãe de Deus**: contribuições para a história da educação brasileira. São Paulo: Arte & Ciência, 2008.

NAILIS, Annette (Irmã). **Padre Kentenich: como nós o conhecemos**. Santa Maria: Movimento Apostólico de Schoenstatt, 1982.

SCHLICKMANN, Dorothea M. **Os Anos Ocultos**: Padre José Kentenich: Infância e Juventude 1885 – 1910. Santa Maria: Sociedade Mãe Rainha, 2008.

SCHLICKMANN, Dorothea M. **Tempestades de Outono 1912**: o início de uma revolução interior. Santa Maria: Sociedade Mãe Rainha, 2012.

STRADA, Padre Angel; PONTES, Padre José. **Proposta Pedagógica**. 2.ed. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1998.

ANEXOS

DOCUMENTO DE PRÉ - FUNDAÇÃO²⁴

PROGRAMA

Hoje quero apenas apresentar-me. — Esta resposta do candidato Yobs provocou uma sacudida geral de cabeças. Este verso profundo e muito poético duma célebre epopéia²⁵ pode ser interpretado de outro modo e, naturalmente, conforme a essência da interpretação pode tornar-se ainda mais rico em conteúdo espiritual. Poderia ser, por exemplo: A notícia da nomeação do novo espiritual provocou retesamento geral de pescoços. A nomeação do novo espiritual... A expressão «do novo espiritual» está no caso genitivo objetivo e refere-se à escolha do novo espiritual. Com isto devo dizer que cumpri também o desejo de Theile²⁶. Ele me sugeriu que hoje falasse algo sobre o genitivo. Então, Theile, estás satisfeito ou queres saber mais ainda?

Mas deixemos de lado a brincadeira. Estou bem consciente de que a interpretação do verso reflete claramente a vossa disposição, a vossa atitude contrária à minha nomeação. Estais admirados e desiludidos. Por isso os pescoços ficaram esticados. Mas deve ser perigoso quando se deixa por muito tempo o pescoço esticado. Pode-se até ficar com a nuca enrijecida. Foi por este motivo que tratei de pôr logo minha cabeça e o pescoço em posição normal, e me conformei com o inevitável. Talvez... E com esta finalidade hoje quero prestar-vos conta sobre: Nossas relações até o momento presente nossas relações futuras.

²⁴ A prática começa com introdução na qual o Pe. Kentenich, ora gracejando ora falando sério, faz alusão à surpresa e ao desconcerto produzido por sua nomeação como Diretor Espiritual

²⁵ Poema épico conhecido pelos jovens, que o Pe. Kentenich aplica humoristicamente para captar seus interesses.

²⁶ Theile era aluno da 4a série que encontrava dificuldades no estudo dos casos da gramática latina. Esta pequena observação caracteriza o método do Pe. Espiritual que procura captar o mais depressa possível todos os pontos de contato dos alunos, para criar mentalidade comum. Durante algum tempo, Theile e seus colegas de classe foram os únicos que venceram a timidez de falar em público e participaram ativamente das discussões.

Como foram as nossas relações até o dia de hoje? Di-lo-ei com breves palavras: não mantínhamos nenhum contato entre nós mutuamente. Passamos um ao lado do outro sem nos chocar ou bombardear com olhares furiosos. Até aqui não houve nada demais. Por isso não soará de modo desagradável e indiferente se vos revelar que, por princípio, evitei travar relações mais estreitas convosco. No ano passado, quando cheguei a Ehrenbreitstein, o Revmo. Pe. Reitor solicitou-me atender as vossas confissões. Opus-me com todas as veras, conseguindo finalmente que me deixassem em paz.

Qual o motivo que me levou a esta atitude? Não pretendia manter nenhuma relação convosco, para dedicar todas as minhas forças e o tempo que me sobrasse às pessoas do mundo, especialmente aos velhos pecadores endurecidos. Queria caçar os assim chamados cordeiros pascais²⁷. Minha maior alegria sacerdotal consistia em acolher os pecadores que se achegavam sobrecarregados com velha carga de pecados ajuntados durante muitos anos, de maneira que o confessor viesse a estourar.

Com certeza, agora compreendeis o meu modo de agir. Não me esquivei por desprezo ou porque ignorasse as emoções e necessidades da alma juvenil, ou porque fosse da opinião que entre estudantes não possa haver abalos espirituais profundos. Naturalmente, se antes tivesse sido advertido: «este ou aquele está passando por uma crise interior», ter-me-ia dedicado a ele com muito gosto. Porém, tais coisas não são reveladas com antecedência. Por isso simplifiquei o caso, não me incomodando com nada absolutamente.

Apesar de tudo recebo a nomeação para ser Diretor Espiritual, mesmo sem ter contribuído em nada para que isto se realizasse. Portanto, há de ser vontade de Deus. Aceito de bom grado, firmemente decidido a cumprir do modo mais perfeito os meus deveres em relação a todos e a cada um em particular. Estou inteiramente à vossa disposição com tudo o que sou e tenho: com meus conhecimentos e capacidades e com minhas limitações; mas, sobretudo vos pertence o meu coração. Na realização de minha ideia predileta aplicarei somente o tempo que me sobrar.

Espero que nos compreendamos bem, envidando todos os esforços para alcançar nosso objetivo do modo mais perfeito possível.

Qual será, pois, o nosso objetivo? A pergunta é importante, porque da resposta dependerão nossas relações futuras. Vou dizê-lo de modo claro e conciso:

²⁷ Termo popular para designar as pessoas que após muito tempo, confessam-se por ocasião da Páscoa da Ressurreição.

Sob a proteção de Maria, queremos aprender a educar-nos, para sermos sólidos e livres caracteres sacerdotais.

O esclarecimento e a realização deste princípio fundamental irão ocupar-nos durante todo o ano. Hoje darei apenas breve explicação.

Queremos aprender. Não somente vós, eu também. Aprenderemos uns dos outros, pois nossa aprendizagem nunca há de cessar, principalmente em se tratando da arte da autoeducação, que é obra de toda a nossa vida.

Queremos aprender não somente em teoria, dizendo que isto deveria ser feito assim; agora está bom ficou bonito, etc. Tal sistema teria pouco valor para nós. Precisamos aprender também de modo prático, pondo mãos à obra todos os dias e em todas as horas. Como e que aprendemos a andar? Estais lembrados do modo como principiastes a caminhar? Ou ao menos, como vossos irmãozinhos o aprenderam? A mãe ter-vos-á proferido grandes discursos, insistindo: Tom, Mariazinha, olhem, é assim que vocês devem fazer! Se nossa mãe, tivesse procedido desta maneira ninguém de nós saberia andar. Porém, tudo se deu de modo mais simples, ela nos tomou pela mão e começamos a caminhar. Andar aprende-se andando; amar, amando. Da mesma forma devemos aprender a educar-nos através de constantes exercícios de autoeducação. Ocasão para isso, certamente não nos falta.

Queremos aprender a educar a nós mesmos. É atividade nobre e régia. Atualmente a autoeducação ocupa o centro dos interesses nos círculos mais cultos. Ela é imperativo da religião, imperativo da juventude, imperativo do tempo. Não entrarei em pormenores respeito a estes pensamentos, tocarei apenas de leve no último.

A autoeducação é imperativo do tempo.

Não é necessário conhecimento extraordinário do mundo e dos homens, para ver que nosso tempo com todo o seu progresso e suas múltiplas descobertas, não consegue livrar o homem do vazio interior.

Toda a atenção e atividade têm por objeto exclusivamente o macrocosmo, o grande mundo - o mundo fora de nós - Realmente, não cessaremos de admirar o gênio humano que dominou as poderosas energias da natureza e as colocou a seu serviço. Ele vence todas as distâncias, sonda as profundezas do mar, perfura as cadeias de montanhas e voa pelas alturas do espaço sideral. A tendência de pesquisar e conquistar impulsiona sempre mais para frente. Descobrimos o Pólo Norte, penetramos os continentes desconhecidos, iluminamos nosso esqueleto com novos raios; o telescópio e o microscópio desvendam diariamente novos mundos.

Porém, apesar de tudo, há um mundo sempre antigo e sempre novo — o microcosmo — o mundo no pequeno, nosso próprio mundo interior permanece ignorado e desconhecido. Não há métodos, ou ao menos, novos métodos que possam iluminar a alma humana. «Todas as regiões espirituais são cultivadas; todas as faculdades, fortalecidas. Somente o que há de mais profundo e íntimo, o mais essencial na alma imortal, muitas vezes é terreno inculto. Tais são as queixas apresentadas pelos jornais. Por isso nossa época é assustadoramente pobre e vazia no campo dos valores internos.

Mais há pouco tempo, um político italiano apontou como maior perigo do desenvolvimento atual, o fato de as raças semi-civilizadas apoderarem-se das técnicas da civilização moderna, sem que ao mesmo tempo lhes seja dada cultura espiritual e moral para fazerem bom uso destas conquistas.

Neste particular, prefiro inverter a questão e perguntar- Será que os povos mais desenvolvidos estão maduros e são capazes de utilizar devidamente os enormes progressos alcançados nos últimos tempos, nos mais diversos setores? Não é verdade, que nosso tempo está ainda mais escravizado às suas conquistas? Realmente. O domínio sobre os poderes e forças da natureza externa não andou paralelamente a sujeição das tendências mais elementares e instintivas aninhadas em nosso próprio peito. Essa divergência alarmante esse abismo imenso torna-se cada vez mais profundo. Colocar-nos-á diante do fantasma da questão social, diante da falência da sociedade, se omitirmos o empenho por sua reforma E em vez de dominarmos nossas conquistas tornarmo-nos suas vítimas, como também escravos de nossas paixões.

Não há alternativa! Ou avançamos ou retrocedemos.

Retrocedamos! Então teremos de remontar à Idade Média, arrancar os trilhos, cortar os fios do telégrafo, rejeitar a eletricidade, devolver o carvão às minas, fechar as universidades! Não. Jamais consentiremos em tal atitude! Isto não nos é permitido. Nunca haveremos de agir desta forma.

Por isso, avante! Avancemos nas pesquisas e conquistas de nosso mundo interior, através da autoeducação consciente. Quanto mais progresso exterior, tanto mais' aprofundamento interno. Este é o brado, a senha difundida por toda a parte, não somente no campo católico, mas também no setor inimigo. Também nós, de acordo com nossa formação, queremos incluir-nos nestas aspirações modernas.

No futuro não nos deixaremos suplantar por nossos conhecimentos, mas nós os dominaremos. Não haverá de acontecer que dominemos diversas línguas estrangeiras, impostas pelo programa escolar, e permaneçamos grandes ignorantes no conhecimento e compreensão da linguagem do coração. À medida que penetramos com visão profunda nas forças que atuam na natureza, temos igualmente de alcançar maior compreensão para enfrentar as energias elementares e os poderes demoníacos do nosso interior.

O grau de nosso progresso nas ciências tem de ser acompanhado de igual aprofundamento interior e crescimento espiritual. Do contrário, cavar-se-á em nossa alma imenso vazio, tremendo abismo que nos tornará imensamente infelizes. Por isso, autoeducação!

Assim o exigem nosso ideal e as aspirações de nosso coração; exige-o nossa sociedade, os que convivem conosco e especialmente aqueles com quem iremos realizar nossas atividades futuras. Como sacerdotes precisamos exercer influência profunda e eficaz em nosso ambiente. Haveremos de obtê-la não pelo fulgor de nossa sabedoria, mas pela força e riqueza interna de nossa personalidade.

Precisamos aprender a arte de educar-nos. Urge educar a nós mesmos e educar-nos com todas as nossas capacidades, Mais tarde veremos quais são estas faculdades e qual o objeto material de nossa autoeducação.

Temos de educar-nos caracteres firmes, sólidos. Há muito tempo depusemos os «sapatos de criança». Na infância, nossas disposições eram movidas por caprichos e disposições emocionais. Agora, porém, cumpre agir por princípios firmes, claramente reconhecidos. Tudo poderá vacilar em nós. Sobrevirão momentos de vacilação total. Em tais ocasiões os exercícios religiosos não mais nos auxiliarão. Uma coisa somente nos poderá valer: os nossos princípios. Urge sermos caracteres firmes.

Devemos ser caracteres livres. Deus não quer escravos de galera, mas remadores voluntários. Arrastem-se os outros diante de seus superiores, para lamber-lhes os pés e mesmo agradecer quando forem pisados. Nós estamos bem conscientes de nossa dignidade e direitos. Acedemos à vontade de nossos superiores, não por medo ou coação, mas porque livremente o queremos, pois todo ato de submissão razoável nos torna interiormente livres e autônomos.

Queremos colocar nossa autoeducação sob a proteção de Maria. Assim nós o prometemos domingo²⁸. Importa agora pôr mãos à obra. Temos grande tarefa a realizar. Conforme os vossos estatutos, devemos cultivar a devoção a Maria, em comunidade. Já possuímos os símbolos externos: a magnífica bandeira e a medalha²⁹. Porém, ainda não chegamos à parte principal: a organização interna, a exemplo das Congregações Marianas conhecidas em diversos ginásios e universidades.

Tencionamos criar essa organização. Nós — não eu. Neste sentido não farei nada, absolutamente nada, sem vosso pleno consentimento. Não se trata dum trabalho para o momento, mas de organização que sirva para todas as gerações futuras. Vossos sucessores alimentar-se-ão de vosso zelo, de vosso conhecimento das almas, de vossa prudência. Estou convicto de que seremos aptos para realizar obra útil, se todos cooperarem.

Porém, a isto ainda, não chegamos. Em primeiro lugar temos de conhecer-nos e acostumar-nos a dialogar livremente conforme o grau de nossa cultura.

Com isto concluo minha exposição. Com certeza compreendestes o motivo por que permaneci tão reservado; conheceis também meus planos para o futuro. Iniciaremos e concluiremos juntos a grande obra. Sob a proteção de Maria, queremos aprender a educar-nos para sermos sólidos e livres caracteres sacerdotais. Queira o bom Deus dar-nos a sua bênção para a realização deste objetivo. Amém.

²⁸ 20 de outubro, festa da "Mater Puritatis" — Mãe da pureza.

²⁹ A bandeira mencionada — doação da senhorita Duchene, de Limburgo — foi mais tarde a bandeira da Congregação, diante da qual os congregados faziam o juramento de fidelidade: "Esta é a bandeira que eu escolhi, jamais a abandonarei; a ti, Maria, o juro!" A medalha de Nossa Senhora entregue no dia 20 de outubro foi substituída na Congregação por outra menor, que num lado apresenta a imagem da Imaculada e no outro a de São Luís Gonzaga.

TESTEMUNHO

Ir. M. C. H. Realizou o Magistério, Professora de Língua Portuguesa e atuou durante dez anos no Colégio Mãe de Deus em Londrina.

Foi solicitado seu testemunho como um meio de mostrar na prática que a Pedagogia de Schoenstatt pode formar personalidades autênticas, desde que realmente torne vida o que se aprende.

Gostaria de mostrar como a verdadeira Educação vale à pena. É o que pude perceber, numa festa e reunião de alunas que celebraram os 50 anos de sua formatura de ginásio, no Colégio Mãe de Deus, em Londrina. Eram duas turmas de 1967, o que hoje seria formatura de nono ano.

A alegria do rever, depois de tanto tempo, era indescritível e o entusiasmo pelo Colégio, agora, com tantas aquisições e grande desenvolvimento, uniam todos os corações.

Foram duas turmas com cerca de 40 alunas cada uma: turma da manhã e turma da tarde. Ambas, com ideais de classe, por elas mesmas, escolhidos, ou seja, com uma ideia ou um ideal ao qual elas aspiraram, como um *leitmotiv para nortear* seu caminho, em vista do futuro. Eram apenas adolescentes e poderia ser que nada levassem para sua vida posterior de estudos, de profissão e na família.

Estas turmas tinham como ideal: Luz nas trevas e Estrela do Mar. Elas mesmas, com sua professora regente, interpretaram a ideia que escolheram e elaboraram uma oração, contendo o que desejavam ser e realizar na sua vida. Escolheram um símbolo e o desenharam ou pintaram para o terem na sua sala de aula e na sua caderneta onde escreveram a oração.

Num dia especial, elas se reuniram no Santuário da Mãe e Rainha que está num lindo recanto perto da Escola. Nesse dia, elas se consagraram a Nossa Senhora com a oração da sua turma, entregando todos seus anseios e planos futuros, também suas lutas e dificuldades, sobretudo a gratidão por tudo o que recebem das mãos de Deus.

Algumas não sabiam mais o que fizeram com sua caderneta, depois de 50 anos passados, mas o que surpreendeu é que uma afirmou que a caderneta está na sua mesinha de cabeceira e a reza. Outra ex-aluna mais antiga foi ao Santuário renovar sua consagração e contou para uma professora que, mensalmente, ela renovava sua consagração e esta foi há 60 anos.

Uma alegria para a professora-regente que acompanhou estas turmas, durante

todo o ginásio, foi a surpresa de que uma das alunas trouxe para a festa o seu caderno bem ilustrado de economia doméstica, como novo, que ela guardava com muito carinho.

Seu marido que é médico lhe disse que não havia nada de desatualizado no conteúdo. Ali se revelam os valores cultivados na educação e que tornam as pessoas felizes e realizadas na vida.

A maioria falava que não é possível esquecer o que o Colégio lhes deu e que marcou a sua vida. A surpresa final da festa foi no jantar, após uma santa Missa de ação de graças e da renovação de ambas as consagrações. Uma delas, que fora a oradora da formatura, surpreendeu a todas com o discurso de formatura, de 50 anos atrás, manuscrito com uma letra linda, bem caprichada e conservada. Ela o leu novamente, para a alegria e emoção de todas.

Este encontro em que compareceram cerca de 50 alunas foi realmente uma festa de ouro em que se pôde constatar que a educação baseada nos valores imutáveis da fé, do amor, da sinceridade e honestidade formam personalidades firmes de que a sociedade e o mundo necessitam.